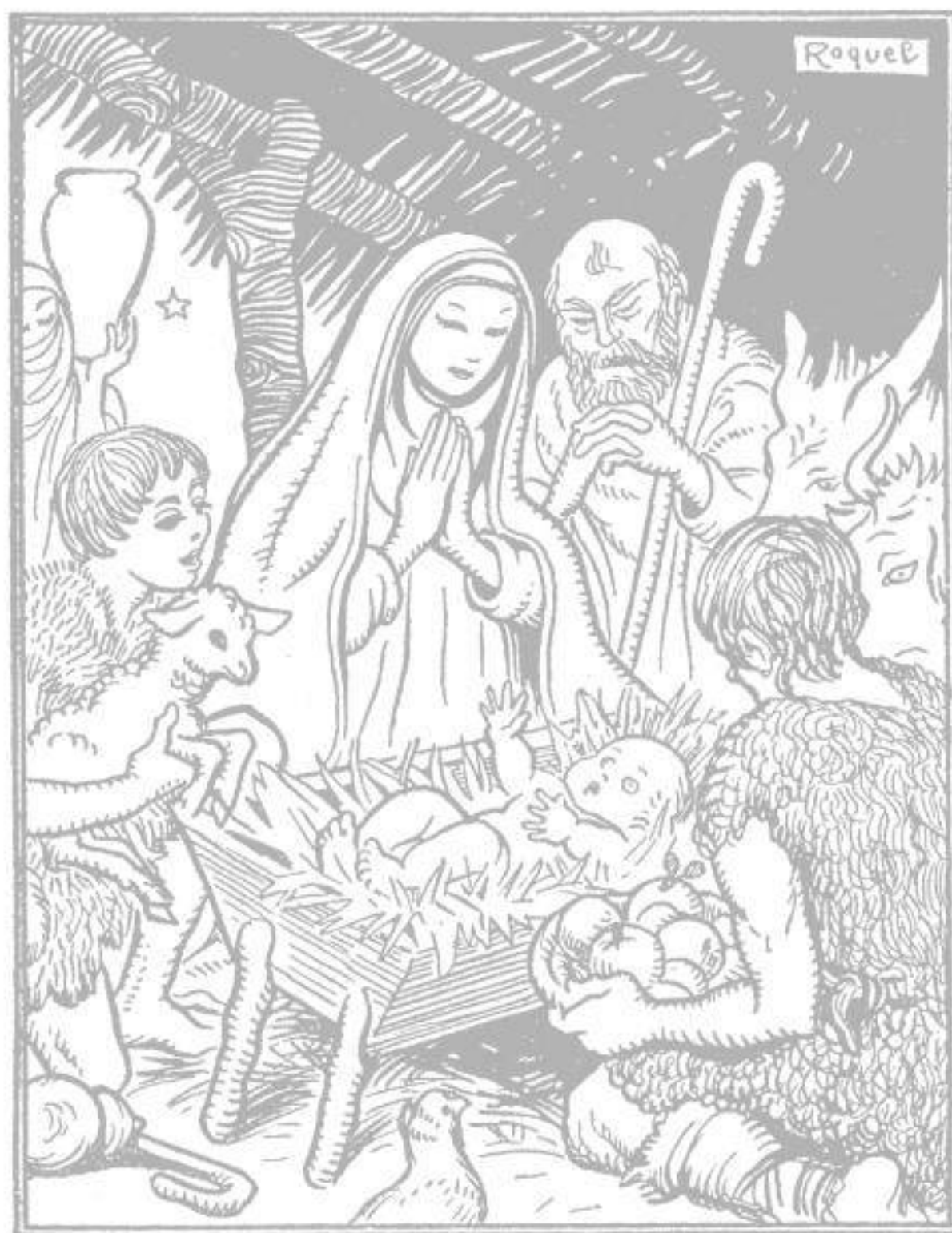
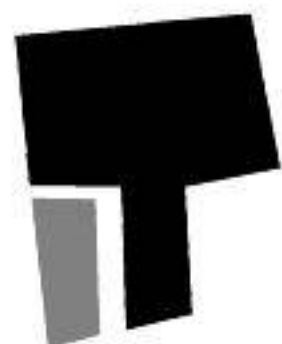


# Páginas de Natal na Literatura Trasmontana Antologia



*Colecção Tellus*  
Câmara Municipal de Vila Real



Título: Páginas de Natal na Literatura Trasmontana — Antologia

A. M. Pires Cabral (org.)

Na capa: Ilustração de Raquel Roque Gameiro Ottolini para a obra de Emília de Sousa Costa *História do Menino Jesus*, Lisboa, 1928

Colecção Tellus, n.º 23

Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

Tiragem: 300 exemplares

Dezembro de 2011

Depósito Legal: 335971/11

ISBN: 978-972-9462-87-0

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. — Vila Real

**Páginas de Natal**  
**na Literatura Trasmontana**  
**Antologia**





Ao lançarmos mãos a este trabalho de recolha, assaltou-nos a evidência de que uma antologia é sempre algo de pessoal e subjectivo, e que nunca se consegue, por diversos motivos, que seja verdadeiramente universal. Na presente antologia vão os textos que o organizador, num dado momento, considerou mais representativos, sem prejuízo de que pode haver (e há com certeza) outros que outro organizador, de mais vastas leituras, teria escolhido.

Optámos por dividir os textos escolhidos em três secções: *Natal, infância, tradições* (em que incluímos textos que prendem com a visão infantil do Natal e com os usos tradicionais da quadra, que excitam especialmente a imaginação das crianças); *Natal, votos, expectativas* (em que reunimos textos relacionados com a ambiência natalícia e com os efeitos que normalmente provoca em nós); e *Histórias de Natal*. Dentro de cada secção, os textos são ordenados por ordem cronológica do nascimento dos Autores.

Que lhes preste a leitura destes textos.

PC



## Natal, infância, tradições

### [Os Reis]

Através da rua passara um bando de cantadores dos Reis. Nas províncias do norte permanecia inapagável a patriarcal usança de dar na Epifania as boas festas às pessoas de consideração do lugar. A festa dos Reis Magos reveste um carácter particularmente pinturesco. De certo os festejadores de hoje já não lhe imprimem a festival ternura que soíam imprimir os cristãos de priscas eras. No entanto ainda aparecem esses ranchos de cantadores dos Reis, alumiados por uma lanterna ou por um fachuco percorrendo o atoleiro das ruas e dos caminhos vicinais, tangendo os seus instrumentos músicos e parando à porta duma ou outra casa para entoar as suas cantigas adequadas à saudação do momento. Ao avizinhar-se o bando da porta da habitação a cuja família vão cumprimentar, todos amortecem as passadas e a conversa, para não serem percebidos pela gente da casa e assim a surpreenderem, rompendo subitamente o cântico. Juntam todos as cabeças em volta da fechadura para melhor conglobarem as vozes, ouvindo-se repentinamente:

Nós vimos de Trás-os-Montes,  
Da terra dos bons pastores,  
Vimos dar as boas festas  
A casa destes senhores.

Boas festas, gente honrada,  
Vimos dar com alegria,  
Que o Messias desejado  
Já nasceu à luz do dia.

Viva o senhor desta casa;  
E os anos que ele quiser;  
Viva também uma rosa  
Que Deus lhe deu por mulher.

Enfiando a voz pelo buraco da fechadura, o cabeça do rancho diz: – “Alguma cousa para os Reis”. Abre-se a porta de dentro, e perguntando pela sacola, lançam nela salpicão, linguiça, alheira, nozes ou figos passados e às vezes dinheiro. Fecha-se a porta e num impulso de grato contentamento, toda a turba exclama sonoramente:

Viva o senhor desta casa,  
Quando põe o seu capote,  
No meio da sua sala  
Parece um sacerdote.

São conhecidas tanto as casas de moradores dadivosos como as de mesquinhos e engraçados. Nas casas havidas por mesquinhas cantam-se igualmente os versos de respeito. Realiza-se o pedido, de dentro nem chus nem bus. Repete-se o pedido; a mesma mudez de pedra. Então convencidos da negativa rompem ruidosamente e zombeteiramente os cantadores:

Esta casa cheira a breu  
Aqui mora algum judeu!  
Esta casa cheira a unto  
Aqui mora algum defunto!

Nas casas dos divertidos, dos engraçados, entoam-se primeiro também as cantigas de respeito. Algumas vezes o festejado lança na sacola uma dádiva verídica, e muitas vezes um salsichão ou paio de farelos. Em seguida os cantadores retiram-se, e depois de verificarem a burla divertida do presente, cantam enraivecidos em galhofeira e cómica fúria:

Os Reis que aqui cantámos  
Tornamo-los a descantar,  
Estes barbas de farelos  
Não têm nada que nos dar.

Só têm uma arca velha  
Onde os ratos vão sujar.

Estes são os cantores foliões, geralmente gente moça, que canta para folgar e para colher dádivas no intento de realizarem depois juntos uma festança. Há



cantadores dos Reis, graves, parentes ou amigos particulares, que depois do cântico à porta, de saudação, são recebidos carinhosamente pelos donos da casa, onde ficam para cear e passar o serão. Também no dia dos Santos Reis os padrinhos oferecem aos seus afilhados uma dádiva que consta ordinariamente de chouriços de massa doce ou cachos de carne.

Dr. Ferreira Deusdado, *Escorços trasmontanos*. Angra do Heroísmo: Tip. Sousa & Andrade, 1912

## Auto do Natal

Tenho ainda nos olhos e nos ouvidos a visão e a música de outra cena singular — e já também dezanove anos caminharam sobre o ano em que a admirei. Também no Natal. Ali em Vila do Conde — aldeia trasmontana, do concelho de Chaves, que se debruça ao norte sobre as várzeas fartas de Loivos, e de noite adormece ao rumor do vasto pinhal do Reigaz — povoado de legendários medos — que lhe limita o termo do lado do poente e norte. A nascente corta-lhe o horizonte, quase aprumo, negra e solene, a serra da Palhaça.

Foi ali, no regaço dessa aldeia, num dia de frio e sol, que assisti ao drama típico cujas linhas essenciais procurarei fixar.

O auto do Natal, em Vila do Conde, compreende duas partes: — o “Ramo de Fora” e o “Ramo de Dentro”. O primeiro é ao ar livre. Representa-se num estrado de madeira, encostado a um prédio, donde saem os personagens que dão ao drama sacro calor, voz e movimento. O segundo tem por teatro e decoração o altar-mor e os santos da igreja paroquial. E a um e outro, na mesma sinceridade, no mesmo respeito, no mesmo silencio — só interrompido pelo pranto feminino nas passagens supremas — assiste todo o povo da freguesia, e muito das freguesias do contorno.

Primeiro acto do “Ramo de Fora”: — abre com a infância do mundo mosaico. O Senhor, criada a terra, faz doação do Paraíso a Adão e Eva. E, para lhes conferir a posse, do telhado da casa que oferece ao palco o encosto da sua frontaria, desce em seu nome um Anjo custódio, num grande cesto, suspenso de cordas que rijos pulsos sustêm — um Anjo de cabelos soltos e camisa de dormir, de asas de papelão e penas de galinha, brandindo na mão poderosa o gládio da divina Justiça.

Os nossos pais edénicos esperam em baixo, entre árvores, arbustos e flores. São alentados e sadios. Não os veste aquela inocente nudez de que fala o texto bíblico. Talvez pelas exigências do clima — que o Paraíso de Vila do Conde chega a quatro graus negativos — o manto da divina graça é de estopa, e roçagante que nem cauda real. Adão e Eva envergam, sobre o manto, pelo menos uma

túnica de igual tecido e de alvura tão pecadora que parece parda.

Recebem o Anjo no enlevo do Velho Testamento. Este exorta-os à obediência e entrega-lhes o Paraíso — o que faz em redondilha maior. Em redondilha, e de espada erguida para as alturas, promete-lhes dias venturosos, sem nuvem de pesar. Serão felizes, isentos de trabalho, alheios à dor e ao pungir moral, na paz eterna e na eterna inocência — aquela que por isso ficou sendo o esteio máximo dos privilegiados da Bem-aventurança. Mas — e grita-o a plenos pulmões, para que o ouçam; brande a espada, para que lhe obedçam — proíbe-lhes, também em nome do Senhor, que provem os frutos de certa árvore próxima. É a árvore da ciência do Bem e do Mal. E ao ser guindado ao Céu do telhado, onde dois moços possantes arquejam, retesando as cordas, declara que os visitará a miúdo se fielmente seguirem o caminho traçado pela vontade de Deus.

Adão, barro bronco, sem a luz e o calor dum desejo, logo que o embaixador do reino dos céus desaparece da cena, deita-se e adormece. Nem sequer lança o olho indiferente à companhia desses dias inefáveis, que se fica a sondar o porquê irrelvelado da estranha proibição. Arde-lhe no cérebro a chama que há-de iluminar o Mundo — a curiosidade, mãe de todo o saber.

Aproxima-se da árvore. Observa-lhe as ramagens. Aspira-lhe o aroma. E os seus frutos de oiro prendem-lhe o olhar cobiçoso, e murmuram-lhe aos sentidos os prelúdios da Tentação.

Nesta altura, por trás dos troncos mais distantes, mexe-se e espreita o Diabo. É espadaúdo e hercúleo — híbrido de ser humano e de outras espécies animais. Usa cauda de boi e armação frontal de carneiro. Mas transforma-se de súbito em serpente. E enroscando-se à árvore tentadora, fala à nobre fraqueza de Eva — com a subtileza de Maquiavel, com a ternura de Bembo, com a argúcia dum tratado de psicologia. Fala e assobia. São de mel e rosas aqueles frutos. Afagam o paladar, acariciam o olfacto e dilatam o espírito. Comer deles... será tornar-se eterna, igual a Deus!

Eva, perturbada, curiosa, ergue o braço. Arranca o fruto. Come-o com avidez — vendo-se de repente, num assombro, sem o manto de estopa da divina graça.

Sacode-a uma enorme revolta contra a serpente. Acusa-a de a haver traído. Esta, respondendo-lhe com uma gargalhada, aconselha-a a enganar Adão, intima-a a oferecer a Adão o fruto proibido. Porque, se o não fizer — ele rir-se-á de si. Fere-lhe a corda sensível entre as mais sensíveis. Adão rir-se-á dela! Então, Eva abeira-se do pobre bronco, que continua a dormir e a rressonar. Esconde meio corpo por traz de festões de murta. Acorda-o de manso. Acorda-o

acarinhando-o. Mostra-lhe o fruto cheiroso e lindo. Pede-lhe que prove daquela delícia. É da árvore da ciência do Bem e do Mal. Ela já comeu — e além de achar excelente, vive e sente-se duplamente viver.

A sua voz é meiga e zumbe em maciezas de veludo.

De facto, como insinua Maquiavel, se para enganar a mulher foi preciso que o Diabo se transformasse em serpente, para enganar o homem bastou a mulher. Adão acordou estremunhado. Ouviu-a. E do chão, sem mesmo se levantar, tomou o fruto entre as mãos sôfregas, mordendo-o com voracidade — engasgando-se, tossindo aflitivamente.

Levanta-se aturdido. O manto da divina graça, como o de Eva, dissolvera-se-lhe no ar. E num desespero alucinado, vociferando a custo, tossindo sempre — perpetra a primeira discórdia conjugal no seio da família humana.

Invectiva e ameaça a melhor das suas costelas. É o mais forte em músculos, abusa da força muscular, arvorada em autoridade e direito.

O Diabo, revendo-se na sua obra, ri no esconderijo em que se oculta, insinua-lhes maus conselhos. Eles afastam-se envergonhados — não da sua nudez, das suas túnicas maculadas. Só reaparecem á voz do Anjo, que fica suspenso entre o Paraíso e o Céu — entre o estrado e o telhado. Caminham receosos e espavoridos. Sobre as túnicas, velando as máculas do pecado, em vez da parra tradicional — que não medra no inverno daquele Paraíso, — trazem nódoas de folhas de hera.

O Anjo avulta-lhes o erro consumado.

O seu castigo será eterno — ela sofrerá para conceber e criar, ele suará no trabalho e na dor. Expulsa-os dos domínios da inocência.

Amaldiçoa a serpente, que, desde essa hora, para todo o sempre, rastejará de ventre pelo chão — e que mais tarde será esmagada pelo pé vitorioso duma Virgem.

Uma cortina ramalhuda de chita desenrola-se sobre o primeiro acto e o Paraíso. O povo, em baixo, desoprime o peito sufocado. Respira e sacode-se. E espera, conversando, os actos seguintes, mais curtos e movimentados.

Segundo acto. — Na terra agreste e nua vê-se Caim. Está vestido de casaca e chapéu alto. Passeia soberbo, bufando de arrogância. E pastores que passam, tiram-lhe o chapéu e chamam-lhe sr. Morgado Soberano.

Daí a nada surge Abel, humilde, de cajado e sarrão. Pastor, traz consigo o melhor cordeiro do seu rebanho — declarando que vai sacrificá-lo ao Senhor.

Caim resolve sacrificar com ele. Mas, no seu egoísmo desdenhoso, abeira-se duma tulha de trigo, escolhe as “mosqueiras”, o joio, e oferece-as no altar votivo.

Ofereço estas “mosqueiras”  
Que me custaram a lavar,  
Eu cá não as semeiei,  
Mas achei-as ao segar.

Abel atreve-se a censurar-lhe a descortesia para com O que tudo pode. Caim irrita-se. E num impulso colérico, tira do bolso um punhal, crava-o no peito do irmão — e foge.

Estamos no terceiro acto. Há já árvores e arbustos amaciando os campos. Do fundo do arvoredo vem um caçador, armado de espingarda dum cano, e cercado de cães amestrados.

E' Lameque. Apenas acaba de declinar a sua identidade, os cães largam á desfilada, deixando-o só — assustados por um vulto que se define e cresce no mais espesso do bosque, que o caçador olha resoluto, e que lhe parece ser uma fera. Intima o vulto a dizer-lhe quem é, donde vem, o que faz ali.

Como não lhe responda, desfecha a espingarda. Uma voz humana, voz de sofrimento e de agonia, vibra então na espessura.

É a voz de Caim, ferido de morte. Queixa-se e censura-o:

Lameque, porque me deste  
Uma morte tão insolente?  
Pois bem podias saber  
Que eu era teu ascendente.

Lameque, tranquilo, responde:

Se eu soubesse que eras tu,  
Que assim estavas disfarçado,  
Não te atirava tal tiro  
Mas foi-te bem empregado.

Tu mataste um Abel,  
Que era um justo, um santo,  
Ninguém pôde estranhar  
Que te fizessem outro tanto.

Caim lamenta-se. Caim arrepende-se. Caim brada:

Agora neste deserto  
Por quem eu chamarei,  
Só se for pelo Diabo,  
Cujos conselhos tomei.

Chama pelo Diabo, que se levanta do soalho, por um alçapão quadrado. Pede-lhe que tome conta do seu corpo e da sua alma — pois ambos lhe pertencem.

É neste transe, a que o auditório assiste numa quase asfixia, dominado e amarfanhado, que o mulhierio esconde o rosto e atroa o ar em choros e ânsias. O Diabo, bimbalhando uma corrente de ferro, agitando a cauda de boi, sacudindo a cabeça de carneiro, leva de rastos, para o Inferno, o seu primeiro irmão na rebeldia.

O quarto acto, como um parêntesis de doce bucolismo, vem aliviar as almas das sombras da tragédia inicial.

Evoca a vida pastoril e primitiva. Pastores e pastoras cantam e dançam. Ao meio da cena ergue-se uma cabana — onde vivem todos, pastoras e pastores, em boa e santa promiscuidade.

E o seu viver promíscuo seria, na verdade, a reedição do Paraíso, — a reconstituição da sociedade humana pelo estado de simplicidade anterior à maçã — se o Diabo os não descobrisse no retiro bucólico, e os não atingisse com a peçonha da sua maldade.

O Diabo constitui a figura dominante de todo o auto, — num simbolismo ingénuo, mas expressivo, em que se descobre e palpita de realidade a afirmação de que a Vida, nas suas manifestações mais belas e nos seus actos mais rudes, é invariavelmente perturbada pelo espírito do mal. A prova de que o mal frutifica, mesmo entre as criaturas de costumes simples, está nesta quadra, que uma pastora declama, saindo com um pastor da habitação comum, fremente de pudor e de revolta:

Eu com este senhor  
Não me meto na cabana,  
Que ele dá-me beliscões,  
À italiana.

Eram ricas de geografia — da geografia do futuro — estas enternecedoras zagalas antediluvianas, que já conheciam a Itália e o costume licencioso dos seus beliscões.

E com a parábola do “Filho Pródigo” fecha o quinto acto, fecha a primeira parte do auto — do “Ramo de Fora”.

O “Ramo de Dentro”, na igreja, representa-se de noite, depois da missa do galo.

Começa na anunciação do Anjo e vai até ao nascimento de Cristo — com a adoração dos pastores e dos Reis Magos, com os esforços de Herodes para aniquilar o que lhe anunciam como soberano dos soberanos.

Em seguida à viagem de Nossa Senhora a Belém nasce o Menino. O presépio é no altar-mor.

Por entre o povo sobem ranchos de pastores e pastoras em cantos e danças, ao som da gaita-de-foles, dos ferrinhos, pandeiros, e castanholas — o que denuncia, com a tradição medieval, a vizinhança da Galiza.

Entre os pastores há criados e patrões galegos — que comunicam na sua língua própria, e cantam os seus costumes regionais.

Destacam ainda muitas outras figuras típicas, e destas, as que se chamam Pascoais Bailões.

São dois os Pascoais. Abrem alas ao meio da igreja. Agitam castanholas. Vestem à toureira.

E repetem, em dueto, como um eco, de tempos a tempos, o último verso dos cantos que se aproximam.

Quando os Reis Magos surgem, guiados pela estrela de folha-de-flandres que estremece e desliza, suspensa dum fio delgado, dum a outro extremo da abóbada central — Herodes, de capacete e manto pelos ombros, sai-lhes ao caminho, forte na sua espada e nas lanças dos seus legionários. E sentencia, iracundo.

De sete anos para traz  
Morraram todos por lei,  
Só p'ra me vingar daquele  
Que dizem que há-de ser rei!

A música, — a gaita-de-foles, os ferrinhos, as castanholas, os pandeiros — toca no coro. E os cantos que lhe avolumam a toada ingénua, o ritmo dolente, lembram o “arrolar” das “pastoradas” nas serranias trasmontanas, onde o rebanho constitui a riqueza máxima e o máximo cuidado dos habitantes.

Sousa Costa, *Milagres de Portugal*. Lisboa: Portugal-Brasil Limitada, s/d

## [A Ceia da Consoada]

[...]

Chegava finalmente a ceia. Hora solene era esta...

Na sala de jantar, estava posta a grande mesa, coberta com uma alva toalha de linho, com os pratos dispostos em toda a volta, copos perfilados e o centro de mesa todo enfeitado, ajoujado de frutas e a faiscar à luz dos candieiros.

Todos ocupávamos os nossos lugares. Minha avó sentava-se no lugar de honra, à cabeceira da mesa; a seguir, meu tio; depois minhas primas e, por último, minha mãe, à direita de minha avó, e junto de mim e de minha irmã.

Vinham depois da cozinha, em largas travessas, os elevados montes de batatas e vermelhas cenouras; as grossas postas de pescada e o polvo olhudo, a vermelhejar entre as brancas cebolas; os fartos troços de bacalhau, o sável, o congro e tantas outras variedades. Em seguida, vinham ainda mais pratos, muitas iguarias a rescenderem – os bolinhos, ovos verdes, etc., etc. Era um nunca acabar!

Pelo meio da mesa, toda ela profusamente iluminada, alteavam-se e fulgiam as garrafas do vinho branco e tinto, e as botelhas da dourada geropiga.

A certa altura da morosa refeição nocturna, a alegria começava a escorrer mais ruidosa e comunicativa por todos os membros da família, todos ali reunidos e em festa. E, por fim, eram servidas as sobremesas. As apetitosas sobremesas!... Começava-se pelos pratos da aletria, com as iniciais dos nossos nomes em largos traços de canela, seguindo-se-lhes depois o arroz doce, a sopa dourada, as orelhas-de-abade, as rabanadas e outras doçarias várias que são sempre o delírio dos rapazes.

Tantas coisas no meio de tamanha alegria!

A presenciar todo este efusivo contentamento, levantava-se ao fundo da sala, armado sobre um singelo móvel, o lindo presépio, construído por mim e minha irmã, mas sob a fiscalização dalguma das nossas primas, todas elas mais velhas que nós.

O nosso presépio era todo ele um encanto!



Lá estava o menino Jesus, de bochechinhas rubras, todo banhado em riso celestial e recostado nas palhinhas; a Santa Virgem, iluminada por um casto enlevo de mãe; S. José, de longas barbas brancas, com os ferros de carpinteiro às costas; a vaquinha, com os olhos muito esbugalhados, e ainda outro animalzinho, cujas linhas incorrectas não deixavam perceber e definir bem qual a espécie a que pertencia.

À entrada da gruta, a meio do frontão, brilhava uma estrela de prata, e pela tortuosa senda, que vinha dar ao minúsculo portal, viam-se, em procissão, os pastores e pastorinhas, feitos de louça de Extremoz, com cabazes de fruta, bombos, ferrinhos, pandeiros e gaitas-de-foles. E todas aquelas coisas, pequeninas e insignificantes, eram para mim o objecto do mais puro entusiasmo de criança.

O meu rico presépio do Natal!

[...]

Oh! incomparáveis noites de Natal, lindos dias da minha infância!

João da Ribeira, *Pelos povoados da serra*. Chaves: Tip. e Papelaria Mesquita, 1935

## O Pai Natal

[...]

Como não havia tempo a perder, pegou na mão do Menino Jesus e meteu-se a caminho com grande inveja da Corte Celestial, que viera em peso ao botá-fora. Acenavam com os lenços enquanto se avistou o Pai Natal, com o Menino a reboque, até dobrar o ramo da parábola no espaço sem fim. Logo as estrelas se afastaram com donaire e a Via-láctea, como passadeira sideral, começou a desdobrar-se diante dos passos do Pai Natal, ajoujado de brinquedos e sorridente de ilimitada felicidade. O Menino Jesus tinha de correr a bom correr pela galáxia fora, para acompanhar o Pai Natal que, finalmente, deixara de responder à infinidade de perguntas que o Menino lhe ia formulando sem descanso.

O espectáculo era assombroso. Embora o visse todos os anos, o Pai Natal estacava sempre dominado por este prodígio sem nome. A Terra rolava com uma velocidade incalculável e as grandes cidades com miríades de luzes voltejavam num enxame loiro de endoidecer. A água dos oceanos reflectia o céu estrelado, lucilando milhões e milhões de sóis em superfícies imensas que, já de si, eram brilhantes. Os rios arqueavam de prata fundida os continentes como belas cinturas. Um Sol maior, o nosso, de todos os dias, envolvia meia Terra lanceolando-lhe um meridiano fantástico de golpes de luz que se perdiam no infinito.

O Menino Jesus espetou o dedinho e perguntou que bola era aquela.

O Barbaças visivelmente arreliado com a dificuldade da resposta, disse-lhe:

– Que há-de ser? Um girassol cá do jardim, tu não vês?

Tudo isto se passava num silêncio verdadeiramente infinito, irreal. Mundos que se moviam nas trajectórias mais fantásticas, sem contudo perderem o sincronismo no espaço inacreditável e com velocidades astronómicas. Só as sapaterras do Pai Natal faziam, no pasmoso silêncio astral, um barulho dos diabos, que ele não podia remediar.

– Esta chiadeira dos borzeguins é que me pode comprometer!

O Menino Jesus não deu conta da observação. Pestanejava quando mais cerca, no silêncio eterno, algum cometa passava inundando tudo duma luz ardente e tão veloz que a vista não o podia acompanhar. A lua branca e serena era a única nota de ternura calma naquela fantasmagoria sem nome. O silêncio transformava-se numa angústia, como se fora a alma inacessível da misteriosa imensidade.

Quando chegaram, caíam as doze badaladas na torre dos Clérigos. Quem se afirmasse bem, veria pelos telhados da cidade passar o gibão vermelho do Pai Natal, apressado, levando a reboque o Menino Jesus. De longe o gibão era uma nuvem rosada, que a brisa fosse rolando, como vela de barco, no mar ondulado dos telhados.

A alegria do Pai Natal! Ele sabia que os seus presentes realizavam o sonho — o sonho que só a divindade podia milagrosamente tocar — de tantos corações! Para os pequeninos, ao menos, naquele dia dava-lhes a certeza de que não havia sonhos vãos e que a existência é plena quando a um sonho se segue outro sonho, e das cinzas de um se erguem as asas para outro e sempre assim.

– E tão barato, afinal – verificava o santo com os seus botões.

O saco tinha de tudo: globos brilhantes, bonecos de mil formas, o mais vasto e fantástico jardim zoológico feito de peluches, tecidos e cartolina; comboios e aeroplanos, gramofones e relógios, lanternas mágicas e guizos prateados; pontes e viadutos, móveis de meio palmo e flores de papel; chocolates e caixas de música; polichinelos sempre gentis de cara de alvaiade e pierrots de alma apaixonada e face dolorida; jóias de belo oiro, pulseiras e ocarinas; livros com as mais belas histórias do mundo e bailarinas leves como borboletas. E tão barato afinal!

O Menino Jesus ajudava como podia, acumulando os sapatos mais pequeninos que eram os da forma do seu pé.

Quando chegaram ao Barredo, desceram por uma chaminé a prumo e com dificuldade. O Pai Natal pôs-se a coçar a barba, intrigado, pois não via sapatos, nem presépio, nem árvore do Natal. O fogão, apagado, de tijolos desconjuntados, era como uma chaga. Há muito não queimara lenha. Em pregos, pendurada, roupa pobre e rota e as paredes escorrendo negra humidade.

O Pai Natal ficou angustiado, de mãos cheias de brinquedos rutilantes e as longas barbas trémulas de comoção, com tanta miséria. Relanceou os olhos pela pobre quadra, para os abrir desmesuradamente ao dar com um berço feito de duas tábuas em meia-lua, onde a roupa desenhava o pequenino volume dum corpo de criança.

O Menino Jesus ia a correr para o berço, mas o Pai Natal, pondo o indicador sobre o nariz, disse-lhe baixinho:

– Chiu! Não o acordes!

E foi ele, aliviado dos brinquedos, pé ante pé, até junto do berço. Desviou carinhosamente, com mil cuidados, o cobertor velhíssimo que cobria a criança. E apareceu-lhe, linda como os anjos, a figurinha doce de um menino de anéis loiros, profusos em toda a cabeça, invadindo as fontes até se espalharem um pouco pelo rosto, as pálpebras descidas sobre olheiras fundas e a boquinha exangue e impassível. Passa a sua larga mão a apartar o cabelo doirado do pequeno, para se afirmar melhor, e esta encontra a algidez do mármore nas breves feições.

A luz amanhecendo desenha já os quadros da vidraça, são mais que horas de regresso. Mas o Pai Natal não cessa de soluçar, a alma alanceada por tanta desgraça, caído de rodo sobre o chão.

Ouve-se uma vozinha suave mas decidida.

– Fico eu e leva esse menino para o céu!

E dizendo isto o Menino Jesus bateu as mãozinhas de alegria e deitou-se no berço.

– Leva-o para o céu, eu fico na Terra de onde nunca devia ter saído.

Quando o Pai Natal chegou ao céu, ao abrir o saco, saiu um lindo querubim, batendo as asas brancas, hesitantes como as das aves quando ensaiam voo ao abandonar o ninho.

Pina de Moraes, *Vidas e sombras*. Porto: Edições Marânus, 1949

## [Dia de Natal]

[...]

Dia de Natal. Logo pela manhãzinha, tocam os sinos. O povo ergue-se moído, sonolento à moda de animal dolente que passou mal a noite. Pelos valezinhos que circundam a aldeia desfia-se o fumo das casas, mesmo por riba da crista de oliveiras em que há salpicos de prata. Nas eiras, os pardais disputam ao «ganau» e às pitas a grainha das alquitarras. Os estorninhos acodem, em bandos negros, aos olivedos, voando das bafareiras de pombais, à mistura com pombas bravas. Há um ar de festa nas coisas e nos homens. A calota atmosférica é azul, mas vem do lado do Marão uma «ouressa» que afia orelhas, aguça narizes. Há anis vidrado nas copas dos pinheiros. Os animais mudam de pêlo. À sombra, é a toalha das geadas que as noites tecem nos prelúdios escaldantes de secos invernos. Em minúsculas fendas, à maneira de rugas de velha, abre-se a terra fumegante. Sobre a camada impermeabilizada de charcos vidrados, a canalha pratica esqui de tamanco, come lascas daquele contraplacado. Olhando para o alto, gritam aos bufos enormes que planam sobre as primeiras crias de lã: «À volta... que lá achas chicha morta». Arroxeados, perdidos nos casacos de seus irmãos mais velhos, lançam os bonés ao ar, pulam nas suas pernititas de molas. E seus gritos virgens e puros vão de mistura com o chocalho de cabradas, com o balir de cordeirinhos no desmame. Nos caminhos da fonte, da igreja, tilintam o rasto dos socos, o chiar do rodado do carro, os sinais da viagem acidentada e lenta que é a vida do povo. «Piafora», no Cabeço, na Ranchola, rebrilha a crosta das noites gélidas. É o «codo». Há estradas de algodão em rama nos presépios da Natureza. Anda rasteira, assustada, a parda cotovia... tioc, tioc, tioc. E o povo estira-se ao sol numa calenda de preguiça e de festa. A harmonia e a doçura sucedem, por momentos, ao desvario e à rudeza. Nos soalheiros de pedra luzidia, junto à porta chapeada da Casa Grande, o pessoal de pano-cru, arrastando capotes amarelos, dá pasto à traça. Ao sol que é de «todoses» a coisa é alegre e animada: conversam, cantam, dançam. A mocidade joga ao cântaro. Um mais letrado lê, para todos, os «deitais» da República e os últimos

«panogramas» das estatísticas.

«Por modos eles agora querem saber quantas galinhas timos.»

Em alguidares de barro vermelho, restos de um artesanato agonizante dos louceiros de Santa Comba, as mãos esfregam os filhos, que choram revoltados. Pelo Natal, pela Páscoa florida, mudam-se os papéis dos armários e passa-se a casa a pano. Roupas novas; «fofas» a estrear. Pedacitos de alegria. Os lares fumegam. Arroz-doce, bolas de azeite com ovos e botelha e mais farinha. Os corações batem noutra ritmo.

Todos arranjam qualquer coisita. «Cá na nossa terra, os natais têm a sua farturinha, graças a Deus». As frigideiras andam de mão em mão como no tempo da marmelada o pote de cobre. Abrem-se, às escâncaras, as portas e o lume a crepitar lá dentro bota faúlhas doiradas de um enternecido bem-estar. Entram e saem das casas as comadres e os compadres. «Ao par e ao pernã». Sobre as mesinhas de pinho há figos, amêndoas, nozes e passas. Singelas iguarias da festa santa fabricada por elas que, nesse dia, milagrosamente, exalam para eles e para os filhos a doçura imensa que chove do Céu. O escanho e os bancos foram lavados a três águas. Em velhas arcas encoiradas há rendinhas lavadas dos tempos de noivados perdidos. Nas paredes, molduras de Nossa Senhora dos Remédios ou de Santa Eufémia de Penedono. Vai pelo povo arriba um mar de vida. Todos sentem um calorzinho que lhes vai direito ao «amâgo».

«Boas-festas, comadre». «Cá como lá, compadre». E este sopro de vida total, vida perene de bem-estar, é para o povo o rescaldo suavíssimo da grande festa nacional que é a Natividade. [...]

José Maria Saraiva Aguilar, *Agora é Natal*. Lisboa: Edições Panorama, 1959

## [Lembranças de Natal]

[...] Na minha infância, nunca ouvi falar de sapatinho na chaminé, prendas do Menino Jesus, árvores de Natal. De presépios, conhecia o que a D. Clorinda e mais os alunos, todos os anos, pela Santa Luzia, armávamos na matriz de S. Bento. Não obstante, guardo saudosas lembranças desses meus Natais meninos. Aí por Novembro, a Mãe trazia-nos pinhas da ribeira, uma para dividir por dois ou três de nós oito. Com que alegria as debulhávamos ao lar, toda a casa a rescender àquele aroma festivo. Por vezes, a tia de Fanhos brindava-nos com um suplemento, dum pinheiro manso que havia à porta dela.

Partilhas feitas, começava a jogatina: par ou pernao, à rebindai-ma, põe, deixa, rapa, tira. A minha tática era depenar primeiro os mais pequenos, depois os maiores.

Um ano tocou-me em sorte dividir a pinha com o Nito. Saiu-nos fraquita, uns vinte e sete pares para cada herdeiro, mas eu fingi-me generoso na divisão com o putto, deixando-lhe os maiores e ainda mais tantinhos, na mira de o atrair ao jogo e apanhar-lhos todos em meia dúzia de paradas.

Mas quis a mofina que o Pai aparecesse e mandasse-me tornar a água ao lameiro de Nassarim, que era nossa naquele dia. Fui a correr e voltei a galope, com o sentido nos pinhões do Nito.

Encontrei-o desoladamente alapado à parroqueira.

– Anda jogar, Nito!

– Não quero...

– Então dei-te os maiores e não jogas comigo? Anda lá?

– Oh!

Tive um mau pressentimento:

– Os pinhões?

– Ganhei-os ao Pincães...

– Ganhaste-os? Caramba! Então anda jogar.

– Estou a dizer-te que os ganhei ao Pincães e tu...

Então compreendi: enquanto eu fora tornar a água, o menino saíra à rua

e o Pincães empalmara-lhe os pinhões. E por isto me lembro daquele Natal.

Doutro me recordo por ter chovido pegadinho e grosso durante uma semana. Já todos diziam:

“É o fim do mundo...”

Dum terceiro, me ficou uma lagrimazinha de frustração a tremeluzir na reminiscência: como fizesse bom tempo, o Pai mandou-me tocar o carro para a serra, ao mato de urzeiras e carquejas. Até chorei pelo caminho:

“Jungir no dia de Natal...”

De todos me persiste a saudade do polvo, do bacalhau, do molho de água, ovos, cebola e azeite, das rabanadas, dos doces de botelha, da aletria, dos mexidos. Noite de tirar a barriguinha de misérias...

Muitos invernos passados, ainda os velhos se riem da filha do Rato, ao tempo menina púbere e cronicamente vítima de fome lazeira, que à mesa da consoada se pôs a chorar.

“Que tens, Maria?”

“Já não posso comer mais...”

Não havia Missa do Galo, mas no dia 25 ninguém faltava em S. Bento para ouvir as três missinhas do Natal, arma infalível contra o Diabo. Em caso de aparição, ensinava a tia Lúcia, basta dizer: “Valham-me as três missinhas do Natal!”, para a mula-sem-cabeça dar um estoiro...

Arrumados, ou comidos, os pinhões, começávamos imediatamente a ensaiar os Reis sob a regência de mestre Saias. Naquele ano cresci um palmo quando, à nossa porta, de surpresa, a mocidade de Gostofrio me dedicou uma quadra:

Quem diremos nós que viva,  
Numa folhinha de alface?  
– Viva o menino Toninho,  
Por ter feito a 4.<sup>a</sup> classe.

Então pedi, e obtive, a inclusão, no repertório, duma outra, da minha autoria, dedicada a Carolina:

Quem diremos nós que viva,  
Numa pétala de rosa?  
– Viva a menina Lininha,  
De todas a mais formosa.



No dia de Reis à noite, comiam-se os ditos, cantados na passagem de ano. As raparigas solteiras entravam com o trabalho e a loiça, os rapazes com o vinho e a música. Normalmente, festança de um homem lamber o beijo por ela toda a vida. A daquele ano, porém, ficou-me referenciada na memória por desgosto que tive, que foi: ainda mal o baile tinha começado, aparece a tia Lúcia e arrasta a filha por um braço. Deu-me na cabeça para interceder a favor de Carolina, e em má hora o fiz, porque a madrabadessa, agachando-se a um tamanco, expulsou-me também do recinto, mau grado os protestos dos bailarinos e da assistência, a quem verberou nestes termos:

– Oh, pecadores!, que assim vos esqueceis de que tendes alma para salvar...

Em desespero de causa, fui para a cama espremer lágrimas de raiva debaixo das mantas. [...]

Bento da Cruz, *Planalto de Gostofrio*. Lisboa: Editorial Notícias, 1992

## [O Ramo]

[...]

À Praça tinha acabado de chegar uma camioneta carregada de toros e murras. Este ano vamos ter uma fogueiraça valente. Lá isso vamos. Ai vamos. Olhe-me só para aquela murra de noqueira, compadre. Até raízes pastadeiras vieram. Rogério a inchar, pois tinha sido ele a arrancar o vestigo. Gente que descia a rua para ver o auto parava e fazia roda. O ano passado, as janelas do Pinto ainda gemeram. Diz que duas persianas não resistiram à caloraça e ficaram torcidas. Chega mais práli, ó pá, chega pró chafariz, que as pedras resistem, é o que te digo.

No cardenho, porém, Cristina não resistia. Romã.

O céu estava limpo e uma aragem cortante batia contra samarras e blusões.

A Eduarda punha-se a olhar, meia tola, para a mãe dum bebé, peito ao léu e o Menino Jesus a mamar, consoladinho.

Não entra ninguém, enquanto não estiver tudo bem preparado, disse o professor. Fechem-me lá essa porta. E tu, ó Mino, parece que estás com vergonha de mostrar os palitos. Enfia-me lá o toutiço do boi. Ná, ná, ná. Assim. Risos. Caluda.

A romã desfazia-se em estrelas. Noémia perguntava à sobrinha pela senhora. Lá teria ido ver a perua. Perua.

Mais foguetes: meia dúzia. Então o senhor Engenheiro? Disse que os sapatos lhe estavam a apertar e foi à quinta calçar outros, não demora, informação de Miguel, em cujas biqueiras um catraio se pôs a mirar, ainda levou uma mocada no nariz, ó pá, desculpa, que foi sem querer. Uma pena a comadre não poder vir até cá, desconsolo de Rogério. Pois, disse Francisco, os fritos dão muito trabalho e ela gosta disso, está nos fritos. Rogério bateu à porta do teatro e pediu que demorassem um bocadinho, que o senhor Engenheiro estava aí a rebentar. Mas os foguetes já estoiraram. Bom, espera-se mais um nico. O pessoal ia entrando.

A quinta das Combareiras tinha colaborado na festa, pois custeava as despesas de foguetório, saiais e música, nada mais nada menos que uma tuna que já se ouvia, chiii póoo, a dar uns acordes para aquecer. E Silvano, finalmente, lá chegou, uma hora depois, fresquinho que nem alface. Já o auto ia a meio, Francisco na fila da frente, ao lado de um lugar vazio, sempre a olhar para trás. Silvano fez-lhe um gesto, a dizer que ficava mesmo à entrada da porta. Miguel olhava muito para os pastores, um tinha um cabrito à carrachita, dianho do cabrito que nunca dizia mé.

– Oh meu Menino Jesus – dizia S. José, com um olho no pequerrucho que estava numa manjedourecia e ia muito bem, pois dormitava, e com o outro olho em Miguel. O teu nascimento foi um milagre. Não és meu filho, mas de Deus que está no céu e nos alumeia a todos. Mas quero-te como filho, meu filho adoptivo. Cantai (lá me enganei – disse baixinho), ou antes, tocai, ó anjos, as vossas flautas divinas.

E a tuna tocou. E Miguel deixou de corar. E se eu corei foi porque aquele bijagós se punha a olhar muito sério para mim. E havia lágrimas em muitos olhos. E aquele do trompete, carago, é bom como o milho, carago, até parece que o faz falar. E o Menino sorriu, quando a Mãe Eduarda lhe fez uma festinha. E uma rapariga, que fazia de Anjo e estava por cima da manjedoura, baixou os braços que tinha abertos, desde o princípio, cada vez mais descaídos, carácio, que já me doem. E o que fazia de boi deu uma turrinha à que fazia de vaca, a ponto de um violino dar conta e gemer, vooom, muito a propósito. E o Rogério, carago, que o do trompete é que é. E os maiorais da terra, que estavam nas filas da frente, ofereciam uns aos outros rebuçadinhos e amêndoas cobertas. Até que a tuna se calou e um pastor botou faladura. Falou da falta de pastos, pois toda a gente diz que a terra é sua e não deixa ir os outros para lá, este mundo está a esquecer-se da sabedoria dos antigos, o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada, que importa, ó homem, ganhares o mundo todo, se perdes a tua alma, a minha alma está a teus pés, Menino Jesus, pois tu és o rei dos reis, bem mais importante do que o Cavaco e quantos cavacos há pelo mundo, peço-te perdão dos meus pecados e dos pecados de toda a gente que está aqui, mesmo daqueles que não vieram visitar-te, ofereço-te uma garrafa de vinho da nossa terra, vinho que é o nosso sustento, pois, se não houvesse vinho, morríamos todos à fome, livra-nos, Senhor, das geadas negras, do míldio e do farinhato, livra-nos das trovoadas que mandas para nos avisarem que somos feitos de barro, tende piedade de nós, da nossa cabecinha que tem andado vazia das boas doutrinas, como se vê na religião e nas eleições, eu sou um pastor, um ignorante, um atrapalhadinho, um triste, como muitos que há por aí, mas

prometo ser melhor, em penhor da minha promessa...

Um dos maiorais da frente, rilhou endiabradamente um rebuçado que se lhe metera num dente furado, porra, ao ouvir aquilo das eleições, e saiu porta fora, a ganhar. O professor enganou-se meiramente, ao pensar que saía, por causa da piadinha, e sorriu. Mais foguetes, que o teatro estava no fim. [...]

António Cabral, *A noiva de Caná*. Lisboa: Editorial Notícias, 1995

## O Natal da minha infância

Ah!, como era bela e natural  
A noite de Natal  
Da minha infância!

Mesmo sem acalantar a esperança  
Que o Menino Jesus fosse à chaminé  
Para deixar brinquedos no meu sapatinho.  
Porque, muitas vezes, não havia chaminé  
Nem brinquedos,  
Nem sapatinhos para pôr no pé.

Mas era o meu Natal de Amor.  
E imaginário também.  
Festejado junto de estábulos,  
Como os de Belém,  
Onde não faltavam animais,  
Mansinhos e leais,  
Nem pastores e Reis Magos,  
Nas canções da minha mãe,  
Que me cantava com afago,  
Junto da lareira,  
Onde o fogo crepitava,  
E eu me sentia bem:

“Olá meu Menino / como tendes passado /  
Só para Vos ver / deixei o meu gado...”

Na presença da luz difusa de uma candeia.  
A escutar a cadência dos bailados

Dos farrapos de neve que caíam,  
Silenciosos, nos telhados.  
Como se fossem, tal e qual,  
Anjos vestidos de branco,  
Como em Belém.  
Embalados pelas canções de Natal,  
Da minha mãe.

João de Deus Rodrigues, *O acordar das emoções*. Chaves: Tartaruga, 2011

## Natais distantes

Pergunto-me o que ficou  
desses Natais distantes  
que eram vagarosos e tingiam  
da cor e do sabor de frutos estivais  
os frios dias de então.

De cada um desses Natais  
que aboliam a noite,  
instituíam a luz – o que ficou?

Pouca coisa: incertos  
farrapos de memórias  
que nada resgatam  
e nada ressuscitam –  
apenas doem.

Talvez uma abelha na janela,  
perdida do seu tempo,  
sofrendo a chuva,  
violentando a vidraça –  
e o meu irmão a rir-se disso.

Talvez a descoberta  
de um frasco esquecido com doce de ginja  
no armário do canto,  
e a boca e os dedos sujos do doce  
e um caroço engolido sem querer  
e a vigilância das fezes.

Talvez o eco das vozes  
dos que ceavam lá em baixo  
desatentos do braço que parti na neve –  
e eu sem encontrar posição para dormir.

Talvez uma gota de champanhe  
no fundo da taça – a mais doce  
porque era a do fundo e na garrafa  
não havia mais  
e foi a minha Mãe que ma trouxe à cama.

Talvez o borralho, as faúlhas,  
depois apenas cinza. Talvez sal.

A. M. Pires Cabral, *As tēmporas da cinza*. Lisboa: Edições Cotovia, 2008



## [A fogueira de Natal]

[...]

A consoada é a festa da família por excelência. Eu e a mãe constituímos uma família completa. Colocámos tudo o que havia para colocar na mesa da sala grande. A mãe acendeu uma vela junto ao presépio. Sentámo-nos, cada qual de seu lado da mesa, o rosto dum diante do rosto do outro. Enquanto eu abria uma garrafa de vinho a mãe ciciou uma oração breve.

– Abra um sorriso por mofino que seja, mãe.

Rodelas de polvo cozido e depois frito e bolinhos de bacalhau como entrada. Bacalhau assado na brasa com batatas cozidas e couve refogada com farinha. Rabanadas. Fritas de chila. Aletria. Arroz-doce. Vinho.

– Nas minhas orações peço a Deus que te cases...

– Isso é o que se pode chamar amor de mãe!

Ambos bebemos, no final da consoada, um cálice de vinho do Porto. Fumei um cigarro. A mãe levantou-se e começou por arrumar a banca da cozinha que se assemelhava a uma feira de loiça suja. Numa das vezes que transportava pratos sujos da sala para a cozinha dei-lhe uma valente palmada no rabo.

– Despache essas mãos, mulher. A festa mal começou ainda.

Ela sorriu de vontade. Introduziu uma velocidade rapidíssima no arrumar da cozinha. Eu fui confirmar se as portas das galinhas e coelhos estavam fechadas. Já na casa de banho, após lavar os dentes, espremi uma bisnaga com gel na palma das mãos. Esfreguei uma mão na outra e lavei, com os dedos, os cabelos da frente para a retaguarda. A mãe não se demorou na casa de banho. Foi ao quarto e vestiu um casaco comprido. Saímos, o meu braço direito enroscado nos seus ombros e a mão a beliscar-lhe o pescoço, rua adiante, até ao Largo da Cruz.

Quando passávamos diante da casa de Alice, não se conteve, espetou-me o osso do cotovelo na barriga. Não me encolhi, num esforço quase dorido de não acusar o toque.

Muita gente no largo principal de Safra. Se olharmos com atenção podemos

descortinar gente para todas as vestimentas. Um homem rega com gasolina um montão enorme de troncos de pinheiro, oliveira, sobreiro à mistura com lenha miúda. Uma vara comprida com uma chama acesa na ponta aproxima-se, cautelosamente, daquela pirâmide de paus de diversos tamanhos e feitios. O povo suspende a respiração.

A alma da aldeia acende-se num clarão adocicado que enche os corações. [...]

Jorge Laiginhas, *No poisar do silêncio*. Lisboa: Editorial Escritor, 2003

## Natal

Sobre a palha loira  
Dorme a rir, Jesus:  
Tudo a rir se doira  
De inocente luz.

Há no olhar etéreo  
do boizinho bento  
Sonhos de mistério  
Num deslumbramento...

Chegam pegureiros:  
Chegam-se ao redor,  
Tal e qual cordeiros  
Para o seu pastor.

Anhos que vêm vindo  
Põem-se a meditar;  
Que zagal tão lindo  
Para nos guiar.

Ajoelham magos,  
Êxtase profundo!...  
Com os olhos vagos  
No Senhor do Mundo...

E a banhada em pranto  
Mãe se transfigura,  
Por divino encanto,  
Numa virgem pura.

# Natal

Com sete espadas de dor,  
A virgem tinha um ar feliz  
Prisioneira do nosso amor!...  
Uns choravam só de vê-la!  
Mas aqueles que traziam  
Uma alma para adorá-la,  
Sorriam ao derredor,  
Na tentação de beijá-la!...

O mística flor de cinco letras  
Desabrochando em som nos nossos lábios:  
Leve no céu é o rasto dos cometas  
E enche a noite e o mundo de presságios!  
Palavra doce e leve e pequenina,  
Mas imensa de sonho e profecia:  
Cinco chagas no peito de Jesus,  
E cinco são as pétalas de luz  
Que tem o doce nome de Maria!...

Que palavra sem par,  
Sem igual: Natal!  
Tão simplesmente evocadora:  
Uma estrela, três reis...  
O Menino Jesus,  
Nossa Senhora! [...]

Fausto José, *Planalto*. Coimbra: Presença, 1930

# Natal

Dezembro, vinte e cinco, o vento gela,  
A brisa traz, de longe, a novidade  
Do canto mais risonho duma estrela  
Perdida no luar da eternidade!

Os sinos dobram, rubros, na capela  
Da multidão faminta de verdade,  
E sopra, embora, a raiva da procela,  
Nas almas há mais sede e felicidade!

Aleluia, vagabundos, a bonança  
Fez da miséria amarga a vossa esp'rança  
E das chagas cruéis uma ilusão!

Alguém nasceu, algures, desamparado  
E nos deixou a luz, crucificado,  
P'ra que o Natal da vida seja pão!

Alberto Miranda, *Aquarelas*. Vila Real: Serviços Municipais de Cultura, 1988

## O Natal de Adelaide

Ela vinha dos rainhas, ele, dos laranjos.  
Ambos, dez réis de gente.  
Mas cresceram depressa,  
Como dois esquilos em brincadeira pegada,  
E às tantas, já andavam de mão dada.  
Ela, pequena e morena,  
A mais formosa entre as irmãs,  
Ficava muda em cena,  
Quando toda se dava.  
Ele, o mais pimpão  
Em baile de verde-gaio  
De qualquer verbena.  
Desde logo pediu sua mão  
Ao pai, porque mãe já tinha sido levada  
Num dia de nevão.  
Casaram na capela da Senhora a Branca  
Num domingo de primavera.  
Toucava coroa de rosas,  
Vestia como rainha.  
Ao seu lado, compenetrado estava  
O noivo que tinha.  
Muitos dias, festa seria  
Com bailes de agrado,  
Banzando bombo e gaita-de-beiços,  
Pandeireta e concertina.  
Mas os lençóis permaneciam brancos  
Como açucenas...  
Isso bom não seria,  
Porque seu amor não floria.

Fez-se então florista de altar  
E no Natal  
Presépio vivo.

Dezembro gelava,  
Ela, de camisa fina,  
Tiritava.  
O vento gemia,  
Ele, de São José fazia.  
E o menino em coiro, despido,  
Abria os braços a agasalho.  
– Eia sus – disse-lhe seu homem.  
Então, Adelaide, abriu os braços inteiros  
E, muito de mansinho,  
Longos minutos, verdadeiros,  
(como a neve quando cai)

E lhe deu do seu calor.  
Perante o mar de luz  
Daquela noite que era dia  
E dos violinos do vento,  
Entre as agulhas dos pinheiros,  
A gente que na igreja via  
O presépio representado,  
Cantou quanto mais podia.

Joaquim de Barros Ferreira, *Rosa in flumina*. Chaves: Tartaruga, 2005

# Natal

A estrelinha de Belém se bem notada  
ilumina a humanidade noutra luz,  
numa luz bem mais suave e delicada  
do que esta de neón que nos seduz

É uma estrela de justiça, amor e paz  
de que o mundo perturbado anda carente,  
é uma onda de energia, bem capaz  
de trazer muita alegria a toda a gente

E onde é que ela está, onde é que mora  
essa estrelinha a vibrar de ansiedade,  
será uma das que espreitam além na aurora?

Ou estará no nosso peito, e na verdade  
essa estrela de Natal já se demora  
a brilhar no coração da humanidade!

Vila Real, Dezembro de 2006

José Eduardo Rodrigues, *Paraíso revisitado*. Vila Real: Mil@Editores, 2009



## Quando o Natal chegar

Quando o Natal chegar  
liberta o pirilampo e liberta a Luz  
arruma a ternura e arruma a casa.  
E areja o sótão da tua infância.  
Quando o Natal chegar  
dá música aos surdos  
e palavra aos mudos  
afaga laranjas nas mãos frias  
e figos secos ao luar  
e amêndoas de Agosto a quem chegar  
e limões, e ácidos limões, em teu lugar.

Quando o Natal chegar  
à beira do rio olha a outra margem  
cheia de sombras, pedras e perdas  
e abre os braços, colunas e pontes  
e começa a tocar a alma qual piano  
na translúcida mágoa de nada tocar.

Quando o Natal chegar  
Jesus já passou sem passar  
na barca do tempo, entre margens  
sem rio, mas à beira de naufragar.  
Quando o Natal chegar  
não leves granadas para casa  
nem bombas para qualquer lugar.  
Caça pombas ao anoitecer, morcegos  
da tristeza, olhares cegos.

Quando o Natal chegar  
olha os filhos como se só então nascessem  
e os dias fossem cristais  
partindo grãos de romã,  
tão sensíveis ao ouvido  
mas sem pena nem sentido.

Quando o Natal chegar  
adormece à beira dos violinos  
com a loucura dos deuses  
e a tristeza de Mozart.  
Que os deuses devem estar loucos  
porque a lareira está-se a apagar.

Quando o Natal chegar  
cuida das prendas e ofertas  
aos que nunca mais vão chegar.  
Entre pedras e perdas  
guarda o amor de guardar  
que a face da mãe ondeia  
e o pai adormece a lacrimejar.

Quando o Natal chegar  
a nordeste de tudo, mais vale  
encher o saco de Nada  
e percorrer a noite, até ao abrigo  
dos campos da quimera calcinada.  
Com o saco cheio de Nada  
visita o Iraque e o Afeganistão.  
Toca às portas da Palestina  
e canta dor às portas da prisão.

Quando Natal chegar  
enche o saco de Nada.  
Pode ser que por tanto Nada  
algo te queiram dar:  
um filho, um sorriso, talvez luar.

Quando o Natal chegar  
talvez amor e amar.  
Dádiva por dádiva,  
aceita, é de aceitar.

Pedro Castelhana, *(Re)cantos d'Amar Morto*. Lisboa: Âncora Editora, 2011

# Natal

## I

O natal chegou  
Mas deixou-se antecipar por um vento húmido e tormentoso,  
Agora há corações que choram nas águas a dor de sonhos  
acabados.  
Em muitos lugares Natal só será amanhã  
Quando a noite escura voltar a trazer  
Durante muitos dias o sol.

O natal chegou  
Mesmo que sem lareira  
A dor alagada acenda o lume triste.

## II

O natal chegou  
Crianças sonham  
e viajam de trenó na estradas  
de estrelas que descem cintilantes  
pelas chaminés agarradas às barbas do pai Natal.

O natal chegou  
E o espírito que rodopia à volta do pinheiro  
Engrandece o homem

O natal chegou  
E em cada um o sorriso tem outra cor  
Outro brilho

No natal  
Ainda acreditamos no encantamento  
E todos gostamos de ser Reis Magos.

2000

Joaquim Ribeiro Aires, *À espera de ti*. V. N. Famalicão: Amores Perfeitos, 2005

# Natal

O dia cresce. Revolto,  
suspende no azul alvo  
bruma subindo de rio,  
sombras de vida que houve.

Só memória neva; ou,  
veneno d'alma, resfrio  
dos pés. Sinto-me a salvo.  
(Mas nem por isso mais solto.)

Nas cãs da tarde, que gela,  
não canta galo. Jesus,  
não ser quanto fomos nesta

luz serena de pagela!...  
Noite cai, sem tus nem bus.  
Nasça eu na tua festa.

Bragança, 24-XII-2007

Ernesto Rodrigues, Inédito

# Natal

Desta janela descai o dia: lento, povoado  
de ninguém. É quase Natal e concluímos  
da necessidade do frio  
como condição indispensável  
ao nascimento dos homens  
que carregam pesadas cruces.

Fixo os pássaros que comem gelo  
incrustado no limoeiro, e outros pássaros  
esvoaçam na memória, voam  
sob nuvens de pedra.

O tempo cerca-nos pelo céu espesso,  
um caminho abrupto, subitamente fulminado  
num beco de sombra. Amanhã  
é Natal, este frio renasce ferozmente  
sem contemplações para com mendigos

ou cães desabrigados. Arrefecemos  
solitários, numa terra vazia.  
Nenhum verso a pode habitar.  
Só ela habitará um verso.

Fernando de Castro Branco, *A caminho de Avoriaz*. Maia: Cosmorama, 2011

## Let there be light

Não há ruas perdidas numa cidade de luzes.  
(Verdade irrefutável – essa de as pessoas  
quererem por força colorir as suas vidas.)  
Estendo os olhos na primeira direcção: um presépio  
numa montra a jurar que o Natal chega em Novembro,  
com o décimo terceiro mês da função pública.

De que nos serve esta luz sobre Lisboa?

Vítor Nogueira, *Bagagem de mão*. Lisboa: Editora & etc., 2007



## Histórias de Natal

### Conto de Natal

*Ao Sr. Dr. Sousa Costa*

*À Senhora D. Emília de Sousa Costa*

Nesse ano, o Menino Jesus, que o padre deu a beijar no dia de Natal, na arruinada capela do lugar, foi um menino vivo, um menino de carne e osso. Eu conto: a D. Rita de Cássia, governanta do comendador Clarimundo, andava pejada, como sucedia em cada Inverno. Mais do que isso: desde o meado de Dezembro que a boa cuvilheira andava para cada hora. Na véspera do Natal, à noite, cansada de enganar o mundo com o ventre cilhado por de mais, caiu à cama com uma dor de cruces. Mandou chamar a parteira e vamos a isto: deitou cá fora um rapagão loiro e rosado como quem o fizera – por enquanto não se diz nada... Nasceu o menino quando o galo cantou pela primeira vez. A parteira, uma comadrona mais velha do que a sé de Braga, já sabia que tinha de embrulhar o menino muito bem embrulhado num xale e levá-lo para longe do povo – para o enjeitar. Era o costume. Fizera isto, de malhoada com a governanta, aí umas dez ou doze vezes. O comendador era rico, mas avarento. Dera de uma assentada muito dinheiro aos pobres quando era novo, mas isso foi só para ser comendador. Nunca mais gastou cinco reis em caridades e até jurou a si mesmo nunca se casar, para não ter encargos de família. Portanto, se a governanta gravidava, isso era lá com ela. Bastardos de portas dentro é que não queria. De maneira nenhuma! Tanto mais que ele sabia guardar decoros à parentela: umas vergôntees, disseminadas pela província, aqui e acolá, duma velha haste apodrecida – o tronco dos Mongroivas. Essas vergôntees lisonjeavam-no como parente honrado desde a pele até o tutano dos ossos. Queriam-lhe todos muito e à porfia. Visitavam-no a miúdo, embora ele se esquecesse sempre de lhes oferecer um cálice de vinho ou uma pinga de chá. Iam-se embasbacados, mas, daí a uma semana ou duas, voltavam restabelecidos da encavacada. Podia muito com eles o cheiro do ouro, que o comendador exalava. Era uma atracção... Na noite de Natal não lhes digo nada: vinham

todos, porque o comendador nessa noite dava-lhes mesa franca. Havia quem dissesse que poupava dinheiro na roda do ano para o gastar numa ceia com primos e primas. Era um esbanjar de iguarias que só visto! Depois, tudo aquilo regado de bons vinhos: malvasia, alvarelhão e muito vinho velho para abafar os doces. Na memorável consoada a que me reporto, enquanto a governanta gemia, num cabo da casa, com as dores do parto, a parentela do comendador, com o freio bem tirado, caía em peso na sala de jantar. Quem animava os novos a comer eram as velhas, pois diziam, com muita convicção e muita experiência: “Na noite de Natal nada faz mal.” Enquanto a governanta, num cabo da casa, gemia com as dores do parto, os Mongroivas comiam e bebiam com fome e sede de três dias. É claro que nunca suspeitavam da gravidez da governanta. Como suspeitariam do parto? Quando souberam que ela estava muito doente, romperam a chorar – ternura que muito agradou ao primo comendador. Ai! Aquela governanta era uma santa! No fim de ceia rezaram pela saúde dela um *padre-nosso* e uma *ave-maria*.

Quando a parteira, com a criança embrulhada no xale, saiu de casa para a enjeitar, a noite estava escura como devia ser o mundo antes de haver luz. A velha, para não cair, coseu-se com as paredes das casas. Sem medo nenhum, porque era animosa de seu natural e andava afeita àqueles erros nocturnos, procurou, com o embrulho ao colo, uma das quatro saídas do povoado. Em certo sítio, não teve outro remédio, senão abandonar o corrimão das paredes para atravessar um largo. Então é que foram elas! Começou a caminhar às cegas. Enterrou os pés em lama. Perdeu as chinelas. Deixou-as ficar sepultadas no lodo. Sentiu aluir-se-lhe o chão num rego de água. Gritou. Lembrando-se porém da enorme responsabilidade da sua missão secreta, amarfanhou a boca na concha cadavérica da mão. Foi-se arrastando. Como porém houvesse perdido de todo a tramontana, era-lhe difícil, se não impossível, sair do largo. Resolveu alijar o pacote de carne recém-nascida e fugir até encontrar de novo uma parede que lhe servisse de guia. Neste momento, deu fé de que uma lumieira baça saía dum buraco e se alastrava na escuridão como nódoa de azeite num vestido preto. Era a lâmpada do altar-mor da capelinha do povo – ruína que voltava para o largo uma das faces negras. A parteira sentiu refrigerar-se-lhe a alma à vista dessa luz. Viu nela um aviso de Deus para meditar um momento nas contas que lhe havia de prestar quando morresse. Encarou em si própria e sentiu-se repelente. Já todos os cantos lhe cheiravam à campa. No entanto, era ainda sem pejo que aparava nas mãos encarquilhadas um menino caído do ventre de sua mãe para o expor, no limiar de qualquer porta, à mercê dos caprichos do tempo e da fortuna. Fazia isso para ganhar dinheiro. Não podia ter amnistia

celeste o acervo dos seus crimes. Que poderia tentar para que Nosso Senhor se condoesse dela? Naquela noite, em que Jesus nascia numas palhas, já com o perdão expresso nos lábios inocentes, que podia ela fazer para se mostrar arrependida de haver pecado tanto? Naquela hora, com aquele inocentinho ao colo, que boa acção poderia ela executar merecedora do reparo dum deus, que mal abria ainda os olhos para abarcar num relance o mundo corrompido? Aproximou-se da capela, empurrou a carunchosa porta lateral, que dava para o largo, sumiu-se no templo e depositou o menino sobre o degrau cimeiro dum altar cujo tampo se abria todos os anos pelo Natal, para mostrar às crianças atónitas e curiosas as maravilhas ingénuas do presépio.

– Deixai estar, que o Menino este ano há-de ser de carne e osso! – exclamou a velhinha, já um pouco jubilosa da sua própria graça e contentíssima por haver praticado uma acção que lhe parecia boa. Deixai estar, que este ano o Menino há-de ser de carne e osso...

Quando a velhinha saiu da capela já o céu se tinha esclarecido um tudo-nada. Tanto que a pobre criatura encontrou as chinelas e atinou com o caminho que a levou à toca onde vivia. Felizmente que não topou vivalma! Deitou-se e dormiu sossegada.

No dia seguinte, pela manhã cedo, à hora da missa, rezada na capelinha vetusta pelo mais desbocado e caritativo padre que a freguesia tem tido, sucedeu que o celebrante, com o Menino ao colo e lágrimas na face de oitenta anos, vociferava:

– Este ano o Menino é de carne e osso. Beijai-o nos pezinhos, que já o fiz cristão. Quem sabe se algum de vós será o pai dele? Quem me dera apanhar aqui a cadela que o enjeitou!

Muito descomposto, o padre subiu ao altar e aí pregou um lindo sermão. Esmaltou-o de obscenidades, mas, como chorava e tremia, todo o auditório de fiéis chorou e tremeu com ele. Ainda não tinha acabado quando o comendador saiu do seu canto e avançou para o arco-cruzeiro. Virado para o sacerdote, disse:

– Esse menino é meu filho e a mãe é a minha governanta. Diante de Deus e dos homens, aqui prometo adoptar a criancinha e receber a mãe como legítima esposa.

Os parentes do comendador fugiram como se os enxotassem à pedrada. O povo levou em charola o comendador. Deu muitos vivas. O recém-nascido, a quem hoje chamam o Menino Jesus, fez das suas no regaço de todas as senhoras. Deram-lhe tanto beijo que o iam desfazendo. O padre chegou a injuriá-las pela maneira sôfrega como disputavam o inocentinho. Uma delas, mulher espirituosa

– ainda vive –, voltou-se para ele e replicou-lhe:

– V. Reverência, aos anos que conta e ao bem que tem feito, já estava no céu, se não fosse tão malcriado...

João de Araújo Correia, *Contos e novelas*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007

## O Menino Jesus que eu conheci...

Se alguém se pode gabar de ter conhecido pessoalmente o “Menino Jesus”, essa pessoa sou eu. Acontece, porém, que o “Menino Jesus” que eu conheci era um pobre inocente a quem tinham posto esse nome pela vulgaríssima coincidência de ter nascido no dia de Natal e pela circunstância, já um pouco excepcional, de ter sido encontrado num monte ermo, embrulhado num xaile velho e deitado sobre palhas, na cavidade de um rochedo.

Dizia-se — mas nunca verifiquei a exactidão do asserto — que o pastor que o encontrou fora chamado pelo balido de uma ovelha que aquecia a criança com o seu bafo. Tivera, pois, o menino um alvorecer de presépio e assim a designação que o povo lhe dera por adequada não pode ser acoimada de sacrílega. Contribuí para isso também o facto de, por mais arrojadas que tivessem sido as conjecturas, nunca se ter descoberto quem poderia ter sido a mãe infeliz e desnaturada que abandonara à intempérie o fruto pecaminoso do seu ventre. Daí a admitir-se uma espécie de milagre frustrado não mediava mais do que um passo que o povo não hesitou em dar.

Pela minha parte confesso que, muito criança ainda, ao vê-lo caminhar pelas estradas, trôpego e enorme, ou a pedir esmola a quem passava, admiti, durante muito tempo, que ele fosse, na verdade, o Menino Jesus, embora disfarçado.

O “Menino Jesus” fora criado pela Joaquininha Corcunda — uma enjeitada como ele — e viviam ambos da caridade pública, uma caridade intermitente, está bem de ver, como pode ser a dos camponeses pobres, e é, em geral, a da gente rica, que tem datas certas para matar a fome aos outros...

Mas, com fome ou sem ela, o “Menino Jesus” lá foi crescendo desmesuradamente, sem que o seu entendimento acompanhasse o crescimento excessivo. Era o inocente, na pura acepção da palavra, mas um inocente a que não faltava, como a todos os oligofrénicos, um certo sentido de humor.

Recorda-me que uma vez (nessa altura já eu estava mais certo do hagiolégio e das hierarquias celestes), ao fazer-lhe notar que para Menino Jesus o achava

grande de mais, ele me respondeu: «É que eu só cresci por fora; por dentro, fiquei sempre do mesmo tamanho.»

E era verdade.

\* \* \* \* \*

Do Natal da minha infância conservo esta recordação e basta-me cerrar os olhos para ver a sua imagem esfarrapada, com uma manta aos ombros, e ouvir uma vozinha infantil que suplicava: «Dê-me uma esmolinha que eu nasço amanhã...»

E toda a gente lhe dava esmola, que ele repartia com os outros pobres, com uma generosidade de quem sabe que, no fundo, já tem tudo quanto precisa.

O “Menino Jesus” morreu — outra coincidência, e esta mais singular — tal como tinha nascido, no dia de Natal. Na véspera andara ele a anunciar o acontecimento de maneira sibilina:

«Rezem por mim... Rezem por mim... Amanhã é que eu vou nascer de verdade...»

E lá o foram encontrar, no dia seguinte, deitado de costas sobre a enxerga, morto, no estábulo onde vivia por caridade, com uma vaca a lamber-lhe as mãos geladas e com os olhos abertos e sorridentes, como se estivesse a fixar uma visão maravilhosa.

Talvez por isso, e por tudo o mais que não tenho tempo para contar, eu possa dizer, sem exagero, que, se alguém se pode gabar de ter conhecido pessoalmente o “Menino Jesus”, essa pessoa sou eu...

Domingos Monteiro, *Contos e Novelas*. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001

## A Missa do Cão

Depois do que aconteceu, nunca mais naquela terra se chamou Missa do Galo à missa que fecha a noite de consoada. Toda a gente lhe passou a chamar Missa do Cão. Vamos a ver se consigo contar direitinho a história de tão curiosa mudança.

A criada dos Mesquitas fora sempre invejada pelo seu préstimo e fidelidade. Tudo se lhe dava com as mãos e parecia desconhecer o mundo fora do seu pequeno mundo. Esperava-se que, depois de criar os cinco filhos do casal, regressasse à sua aldeia, olhar pelo que era seu. E não era assim tão pouco: casa, vinha e uns lameiros à mão de semear. Ficou. Jamais conseguiria afastar-se dos patrões que tudo lhe confiavam e dos meninos que nunca deixaram de lhe chamar Mãe Lapa. Assim lhe chamavam também os vizinhos e os íntimos da casa.

Mortos os patrões num fatídico desastre de automóvel e dispersos os filhos, Mãe Lapa ficou só. Os “seus meninos” vinham a casa sempre que podiam, mas a vida de cada um os tinha distanciado cada vez mais do seu carinho. Escreviam-lhe muito e de onde quer que estivessem. Nas suas ingénuas e copiosas respostas Mãe Lapa preocupava-se muito com o que lhes pudesse acontecer e falava-lhes dos pássaros e das flores a que se dedicava para matar o tempo e a solidão.

Uma noite a casa dos Mesquitas foi assaltada por ladrões de pezinhos de lã. Cataram tudo o que reluzia sem um ruído. Mãe Lapa só acordou pela manhã como de costume, quando o gato lhe saltou para a cama a miar de fome.

A doce velhinha ia morrendo de desgosto com o prejuízo, por mais que os “seus meninos” a descansassem a esse respeito. Preocupados ficaram eles quanto à segurança da Mãe Lapa. Pensaram em tudo, mesmo em fechar a casa e levá-la para junto de um deles. Por isto e por aquilo as soluções falharam todas. Até que alguém lhes garantiu que um “Serra da Estrela” era capaz de todos os respeitos na área à sua guarda. Veio um, ainda cachorro, para se afeiçoar, mas já de muito boa presença. Mãe Lapa e Trovão logo se entenderam, como se tivessem andado à procura um do outro. Em poucos meses o Trovão ficou de

meter medo. Corria com Mãe Lapa os quatro cantos da casa e do quintal, mas logo a deixava ao mínimo pressentimento de intromissão. De noite marcava constantemente os limites da pequena propriedade, surgindo à grade mal ouvisse qualquer ruído na rua.

Apesar do luto que indelevelmente a marcou, a casa dos Mesquitas sempre se animava pelo Natal. Apareciam todos os irmãos com as mulheres e os filhos. A terra gostava de ver aquela casa respeitável sair da tristeza por dois ou três dias. Mãe Lapa rejuvenescia, promovendo grandes limpezas e preparando os mimos predilectos dos seus meninos.

Os Mesquitas não tinham a devoção de ir à Missa do Galo. Era mais forte a devoção pela lareira patriarcal, sempre acesa naqueles dias e que era uma saudade constante nas casas modernas em que viviam.

Mãe Lapa é que não podia faltar. Tinha aquela devoção e aquela tradição a cumprir. Chegada a hora, amarrava o lenço e traçava o chale, dois gestos determinados, duas respostas silenciosas a quem tentasse evitar que ela saísse, assim com aquele frio.

Naquele Natal, o primeiro passado com o seu amigo Trovão, Mãe Lapa foi à casota despedir-se, prometendo-lhe que se demoraria pouco e pedindo-lhe que se portasse bem. Mas aquela saída era demasiado insólita para que Trovão a entendesse. Ficou a dar grandes esticões à corrente a rosnar desgostos e ameaças de que só um cão é capaz.

A missa decorreu com os silêncios e os ruídos de todas as missas do galo naquela terra de costumes ancestrais. Tudo mudou quando o velho abade, cheio de solene ternura, dava a beijar o Menino aos primeiros fiéis. Arrastando um grande pedaço de corrente, Trovão apareceu ao fundo da igreja muito agitado. Depois de ladrar um pouco, desatou a farejar toda a gente daquela maneira atabalhoada que os cães têm quando perdem a pista. O pânico foi de tal ordem que, em menos de um minuto, na igreja só ficou a Mãe Lapa com o Trovão diante dela a dar ao rabo de contentamento. O próprio abade fugiu para a sacristia precipitadamente, deixando o Menino Jesus na almofada de um genuflexório.

Mãe Lapa, depois de ralar ao seu inseparável companheiro, ergueu o Menino e beijou-o como se faz ao pão quando se deixa cair. Parecendo compreender os distúrbios que provocou, Trovão lambeu o Menino Jesus, cruzando o seu olhar humilde com o olhar ainda zangado da Mãe Lapa. Entretanto, as pessoas foram entrando timidamente na igreja, sempre de olho no cão, a caminho dos seus lugares. O senhor abade é que nunca mais pôde entrar. A cada tentativa, Trovão rosnava a sua discordância.



– Ó mulher, dê você o Menino a beijar, se não nunca mais saímos daqui!  
– disse o abade da porta da sacristia.

E assim foi. Naquela Missa do Galo foi a Mãe Lapa que deu o Menino Jesus a beijar, acompanhada do Trovão muito compenetrado do seu papel.

Não admira que naquela terra a Missa do Galo se passasse a chamar a Missa do Cão...

Camilo de Araújo Correia, *Histórias do fim do ano*. Porto: Brasília Editora, 2001

## [Uma Missa do Galo]

[...]

Sim, era o Natal.

Do fundo da infância do funcionário (ninguém o imaginaria menino, mesmo num outrora distante) surgiu um pinheiro, que se foi adelgaçando até ficar do tamanho dum alfinete (perverso) que se lhe espetou no coração.

As festas de ano doíam-lhe sempre. Vinha-lhe uma secreta mágoa pela família que não tinha. Na pensão, onde estava hospedado há muito (ficava numa rua estreita, e as janelas duns entravam pela intimidade dos outros), o Natal não se fazia sentir. Não havia presépio, nem par-e-fernão em volta da mesa. A consoada consistia na ausência de sopa, nuns sonhos rijos em amelada calda de açúcar (vieram-lhe num gosto vago, porque só os comia de ano a ano), na travessa de aletria com um B e um P em canela. Depois da ceia (há quase trinta anos que acontecia o mesmo) embrenhar-se-ia, com o Mendes, funcionário aposentado, na mesma conversa sobre o lamentável estado do mundo. Um mundo diferente, em que caíam governos e instituições.

De súbito, desanimado, começou a subir, maquinalmente, as escadas rangentes do 32 da rua da Fontinha. Deu então conta que estava já em casa, e apressou-se para o almoço.

\* \* \*

As ruas estavam desertas. Tudo se passava por detrás das cortinas, no aconchego de filhós e vapores quentes de abundância.

Solitária, humilde, pontual, só riscou a noite a sombra do senhor Coutinho — que passou, como de costume, às nove para o café.

Dada a magreza do ordenado (não chegava a novecentos escudos) o tabaco e o café — onde generosamente lhe emprestavam o jornal — eram as únicas extravagâncias a que podia permitir-se. Lá ia habitualmente sentar-se à mesma mesa, que nessa noite encontrou já ocupada. Notou ainda a ausência dos rostos de sempre — reformados, cuja autoridade se concentrava nos bigodes, e republicanos resmungões (quase todos avós) que tinham ficado, em

casa, na reunião de família.

No entanto, as mesas quase transbordavam de gente (na maioria operários), uma gente barulhenta, sem Natal. Os vidros estavam embaciados pela geada que caía; o ar toldado por um fumo de cigarros fortes.

Serviu-o o João, que deixou, além da chávena e do jornal, umas “boas-festas” cordiais.

– Boas-festas – retribuiu, sem convicção, o senhor Coutinho, mergulhando todo no noticiário e no líquido fumegante.

À medida que os ponteiros do relógio avançavam a sala crescia em ruídos. O café transformava-se num mundo à parte, sem eco, na noite santa. Um mundo diabólico, criado por divindades malévolas, de que só restavam os vapores — e que parecia estranho duplicado pelos espelhos. Alegre (um deus sem culto, conhecedor da fé inconstante dos homens) apenas o Diogo que se movia entre as mesas, as gargalhadas, as obscenidades, as pragas, distribuindo café e aguardente. Cumpria verdadeiramente um rito ao encher os copinhos de bagaço. O bagaço que dava à noite a animação, o esquecimento da insuficiência dos salários, do desencanto dos filhos sem sapato na chaminé, da resignação mortificada e solitária das companheiras.

Saído do jornal, o senhor Coutinho desconheceu a estridência quase bêbeda que o cercava. Olhou. Ninguém com quem pudesse trocar impressões. Não, decididamente não podia solidarizar-se com aquela gente — ele que tinha a sua casta de funcionário, ele que era peça duma burocracia de Estado.

Fora, havia um frio denso que os primeiros vultos para a missa do galo começavam a recortar de sombras. Um frio, barbeiro, contra o qual o funcionalismo nada podia. O senhor Coutinho sentiu o desconforto da samarra (feita do sobretudo de há quatro anos), trespassada a fina fazenda das calças.

O clarão das montras esfriava-se inútil no vidro do paralelepípedos. A prata-arco-íris do bazar, afofava-se no halo embaciado dos vidros, onde as crianças mais afortunadas tinham feito bonecos com o dedo enluvado, e os pobres, buraquinhos redondos, ao encostarem o nariz num desejo de ver para dentro.

Os vultos da missa do galo alastravam, agora, em nódoas pressurosas. A igreja estava próxima. Uma luz de estrelas destiladas vinha, em canelados grossos, pelas janelas.

A frialdade da noite, a necessidade vaga dum conforto decidiram-no a entrar. Furou, furou, e ajeitou-se entre a multidão.

Qualquer coisa de semelhante a uma fé, chamejava nas velas, nos rostos, na liturgia branca do altar. Os sons do órgão subiam em espirais de incenso.

O ambiente tomou-o, acalentou-o. E por muito estranho que possa parecer, qualquer coisa dentro dele se pôs a tilintar: “hossana, hossana”, (o que era, na verdade, absurdo, porque não sabia o que significava a palavra).

Sim, aquilo era o Natal — as velas, o presépio, o sortilégio do órgão, que naquele momento emudecia.

O padre tossicou antes de principiar a falar, agitando o silêncio, que era ainda uma vibração de acordes. Aos ouvidos ensurdecidos do funcionário, a voz, filtrada pelo compacto dos fiéis, chegou em murmúrio. Mas ao senhor Coutinho bastava aquele brilho de festa de infância, há muito não sentido. De resto, que podia o padre dizer? Certamente falava do Menino, com a nudez aconchegada em camisa nova de seda, deitado confortavelmente nas palhas douradas da manjedoura de pau santo. Podia vê-lo. Era um recém-nascido gordo, rosado, enorme em relação aos animais, cujo tamanho estava ainda dentado pela meia penumbra da gruta, nevada aqui e ali de farrapos de algodão em rama. Os olhos (de vidro azul?) olhavam maravilhados os anjos de asas de oiro (revoadas tinham invadido a igreja) encarrapitados por toda a parte. Não, nunca imaginara uns anjos assim. Pareciam ter saído, ébrios, duma calda de mel, e dispostos a continuar uma interrompida dança. Ou oscilariam apenas sob o peso dos pássaros e maçãs de oiro (os presentes para o Menino) que carregavam nas mãos sapudas? Alguns, como se tivessem feito maldades, faziam brotar só uma bochecha por entre os cachos tímidos e as parras do barroco dos altares.

Entretanto o silêncio ganhava espessura atenta. Chegaram, distintas, ao senhor Coutinho, as últimas palavras da prática.

– “...porque, caríssimos irmãos, de nada vos aproveitará senão fordes como as crianças; senão vos tornardes como elas, não entrareis no reino dos céus”.

O órgão ergueu-as, deu-lhes volume, força de profecia, levou-as a todos os recantos — enquanto a brancura coruscante da cerimónia, recomeçava no altar.

“Que extraordinário final!” (pensou o senhor Coutinho). Convidaria os homens a trocarem a sua compostura pela...? (e a atitude traquina dos anjos acudiu-lhe ao pensamento).

Mas vozes vindas do coro (as vozes dos pastores e dos anjos do presépio) entoavam o “doce milagre de amor”. Ondas de alegria avolumaram-se, em crescendo, quase vitorioso para o final.

Aleluia! Aleluia! [...]

Luísa Dacosta, *Província*. 2.<sup>a</sup> ed. Porto: Figueirinhas, 1984

## Angústia em noite de Natal

Era de bom-tom, nesse Inverno de há quase meio século, dar guarida a uma criança austríaca. Corresponhia esse propósito a uma propagação de influência, de importância social. Transformavam-se esses pequenos corações, lacerados pelo êxodo, numa espécie de insígnia de virtualidades até aí desconhecidas. Nas casas brasonadas e prósperas da Vila, à tarde e à noite, entre chávemas de chá e horas infindas de maledicência, falava-se do caso. Como quem anuncia a compra de um casaco de peles, um automóvel de luxo ou uma viagem pela Europa. Como quem tenta quantificar uma angústia muito maior do que um corpo. Como quem coloca uma etiqueta com um preço, no rosto da própria dor. E o certo é ainda que, nas choupanas da Portela, crianças da terra contorciam-se de fome e frio. Mas... que importava tal facto? Dar-lhes alguma coisa não acrescentava prestígio à mão solitária que tentasse abrir-se. Esmola lançada no vazio. Ninguém viria a ter notícias dela. E era preciso que se divulgasse a generosidade dos ricos, sempre prontos a suavizar a amarga caminhada dos pobres...

Também eu me vi envolvido, involuntariamente, no acontecimento. Não que em minha casa se viesse a albergar um desses pequenos estrangeiros. Mas o senhor Teodorico, meu patrão, com estabelecimento de fazendas e mercearia na Estrada, apesar de já bastante abalados os seus alicerces financeiros, resolveu, num rasgo de pundonor que de pronto o colocava na galeria das individualidades dominantes do burgo, inscrever-se para, por alturas do Natal, receber na opulência fictícia do seu lar uma criança que nada lhes diria, a não ser olhá-los com dois grandes olhos inundados de espanto e mágoa.

Pois foi precisamente na noite de Natal (tarde, já passava das nove horas) que as crianças chegaram à Vila. Trouxe-as a caminheta da carreira do Cachão. O comboio circulava com cinco horas de atraso — gaiola errante a despejar pássaros amedrontados na desolação imensa das gares...

A tarde, sem crepúsculo, fez-se noite. Os globos eléctricos desenhavam serpentinas de luz mate na opacidade da bruma. A aragem enregelante

inventava novas e requintadas formas de tortura. A exasperação escorria das faces transidas pelo suplício da velada.

Lembro-me bem do olhar vesgo da noite. Do cotão de névoas a intumescer nas árvores da Praça. Da humidade a brunir os corpos contrariados pela espera.

Frente à garagem do Martinho, junto ao celeiro, a multidão comprimia-se para esconjurar o frio. Lá estavam os pilares da terra, rotundos de autoridade, a perscrutarem as brumas da rua onde devia surgir a caminheta.

Batendo os pés no chão inteiriçado, com força, pus-me a caminhar de um lado para outro, a esconjurar o vento leve que descia da serra e me golpeava as faces. O tempo estagnara. A persistência do nevoeiro delira os contornos das casas e arbustos mais próximos. Um imenso vazio perfilava-se para além dos meus olhos, como se a ordem estabelecida pelos homens houvesse regressado ao começo de todas as idades, ao caos da secreta origem das coisas.

O senhor Teodorico delegara em mim a missão de ir receber o pequeno refugiado que lhe coubera em sorte. Como fora passar a noite a uma aldeia próxima onde possuía casa e algumas propriedades, só na manhã do dia seguinte mandaria à Vila um cavalo para conduzir a criança àquela povoação. Teria, assim, de consoar connosco.

Quando o desconjuntado veículo estacionou no largo, a multidão aproximou-se e fez-lhe um cerco. Tiravam-se fichas dos bolsos e consultavam-se números. Detrás dos vidros da viatura chamada saudade, um friso de olhos espantados, do tamanho da distância que os ferira, a boiar numa infinita solidão, numa ausência de impossíveis paisagens de Viena, Gratz, Salzburgo...

O padre Cristiano ia distribuindo as crianças, conferindo os números e nomes das fichas com os que estavam inscritos em pequenas etiquetas de madeira que traziam penduradas ao pescoço. Ao chegar a minha vez, dei a mão a um pequenito transido de frio, de rosto pálido e magro afundado numa miserável capa de estamena. Olhei a etiqueta. A frieza inexpressiva de um número e um nome que nada me diziam. Quis perguntar-lhe como decorrera a viagem, mas não encontrei gestos para traduzir o meu propósito. Limitei-me a acariciar-lhe as faces humedecidas pelas lágrimas de um choro silencioso, subterrâneo. Não sei porquê, veio-me à lembrança a figura etérea de Mozart, que vira numa gravura antiga. E perfurando a custo a cerração da noite, encaminhei-me para casa, sabendo que levava pela mão um Menino Jesus de carne e osso, todo ele abandono e sofrimento, cuja pesada mudez tinha o sentido de uma condenação lançada sobre o ódio que dividira os homens e os levava a incendiar o mundo.

Os meus familiares dispensaram ao pequenito um fervoroso acolhimento. Trocaram-lhe as vestes, aqueciam-lhe as mãos, afagavam-lhe o rosto e os cabelos. Mas ele, mergulhado no seu abismo, contemplava-nos a todos com um ar de patética absurdidade, como se andasse dentro de si à procura das letras com que se escrevem as palavras mãe, irmãos, casa...

E a nossa consoada decorreu sob o signo da angústia. As iguarias próprias da noite não nos passavam da boca, com um travor a fel. O pequeno austríaco recusou-se a comer, continuava a depor em nós os seus olhos enormes, onde adivinhávamos a crueldade de uma experiência objecta: o fragor dos bombardeamentos, o clarão dos incêndios, o hálito da morte, a marcha ritmada das legiões nazis, o ranger dos blindados no desespero surdo das ruas desertas...

Atónitos, fixámos o presépio, onde o Menino louro, olhos de esmalte azul, sorria para o vago, translucidado pelas chamas da fogueira. E então minha irmã lembrou-se do Dr. Carlos Lemos, professor de Germânicas num liceu do Porto, que na véspera chegara a casa dos sogros, mesmo em frente à nossa, para passar o Natal em família. Cobriu um casaco e deixou-nos.

Nós ficámos à espera, no aconchego da cozinha, suspensos entre duas eternidades: a Esperança que a grande Noite teimava em implantar-nos no peito, e o sofrimento que devorava as feições daquele pequeno ser que a guerra atrozmente expatriara.

Vejo tudo de novo, a tantos anos de distância, como se o estivesse vivendo agora. O Dr. Carlos Lemos, não obstante o frio, deslocou-se a nossa casa. Vinha embrulhado no capote do sogro — Pai Natal entontecido com o brilho das estradas siderais que acabara de percorrer...

E aproximou-se da criança. E falou-lhe docemente. (O oculto significado do presépio abandonou os bonecos de barro e instalou-se, de súbito, nos membros vivos daquelas duas figuras prestes a entenderem-se pelo milagre da palavra). Nós não compreendíamos nada do que diziam: apenas ouvíamos sons, mas sons que esfacelavam a nossa angústia e nos devolviam o cântico alto do Natal: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade”.

Passados momentos, a criança sorriu. Depois, reclinada no capote do professor, acabou por adormecer.

João de Sá, *Um caminho entre as oliveiras*. Vila Flor: Câmara Municipal, 1997

## Noite solitária

Depois de encerrado o escritório, Luís Esteves desceu a avenida no seu *Jaguar* e dirigiu-se ao café que frequentava habitualmente, nas magras horas de lazer. Antes de se sentar, olhou em torno à cata dos amigos de cavaqueira. Mas nem sequer um lobrigou. Estranho, não havia dúvida! Calmamente, porém, ocupou uma das mesas disponíveis, pediu uma bica e acendeu um cigarro.

Decorreu mais cerca de meia hora, sem que alguma das caras familiares surgisse a seu lado. Já com certa despaciência, pousou os olhos distraídos no jornal da tarde e continuou esperando. Contudo, ao cabo de uma longa expectativa frustrada, abandonou o café. Meteu-se no automóvel e, comprimido numa interminável fila de carros, tentou definir o rumo que deveria tomar.

A noite descia frígida e viscosa. Um manto de neblina desdobrava-se no espaço, ofuscando o clarão ténue da iluminação pública e esbatendo a silhueta do casario.

Luís Esteves, vagueando, ao acaso, pela cidade, compreendia agora, finalmente, a ausência dos amigos nessa noite, cujo significado não lhe ocorrera antes. E uma ilha de solidão começava a irromper ante os seus olhos pávidos. Simultaneamente, a torre da sua suposta felicidade ameaçava escaqueirar-se, sem remédio. Mas logo a razão interveio e ele quase mofou, no íntimo, daquele estremeção patético. Em boa verdade, poderia insurgir-se contra os arbítrios da sorte? Não lhe estendera ela a mão generosamente? Trabalhara, imolara muitos dos seus caprichos, desde que, vinte e seis anos antes, deixara a província. Mas, em troca, adquirira uma invejável posição social e financeira. E não talhara a vida segundo o risco das teorias que sinceramente perfilhara? Avesso a dependências familiares, zombara das apregoadas delícias do lar, colhendo o néctar do amor onde bem lhe aprazia, embora pagando muito dele a peso de ouro, já que a sua oferta, gratuita e generosa, era ilusão de bacocos. Sobre isso colhera ele experiências múltiplas, que acabaram por lhe trancar as portas do coração.



Ao fim do seu percurso noctívago, achou-se, sem saber como, num dos extremos da cidade — um bairro pobre, como havia muitos, acusando a desigualdade social da urbe. Estacionou o carro. Hesitou um instante e enfiou, a seguir, por uma viela próxima. Corria uma aragem desabrida que, apesar de envergar o sobretudo, o fez cilhar o pescoço com o cachecol. E o manto de neblina adensara-se paulatinamente, convertendo a mancha do casario numa aguarela esmaecida.

A porta estava entreaberta. A porta de um vão de escada, donde surdia um fio de luz baça, prenúncio de que ali se albergava alguém. Hesitou, de novo, mas acabou por entrar.

— Olha quem aqui vem!... — saudou do fundo do cubículo um sexagenário corcunda, procurando erguer-se da tripeça.

— Não se levante, ti Anastácio —olveu Esteves, o que o outro não acatou, oferecendo-lhe um mocho desengonçado, cujo assento limpou primeiramente com a ponta do avental do ofício:

— Ora faça favor!...

— Você é teimoso. Precisava de se erguer do seu posto? Eu logo me acomodaria, sem carecer de ajuda.

— Pessoas da sua condição têm de ser bem recebidas... — E o velho sorriu como que a recriminar-se a si próprio: — Ao falar assim, parece que disponho de instalações confortáveis, como o amigo...

— E eu não conheço, porventura, os seus modestos recursos económicos? Mas, nem por isso, lhe regateei algum dia, a minha amizade e consideração...

— Lá isso é verdade!... — tornou o outro visivelmente lisonjeado e reconhecido pela deferência com que o distinguira Luís Esteves, tendo este, de seguida, inflectido o tom de voz e aparentado algum espanto:

— Mas só agora reparo: a trabalhar ainda a esta hora? Que se passa, afinal?...

— Ossos do ofício... É só acabar de deitar meias solas nestes sapatos. São de gente de bago, mas até parece que não têm outros para colocarem, mais logo, na chaminé. Eu quietei a serigaita da criada, que aqui veio, há bocado, procurá-los, muito aflita, a mando dos patrões: — «Os seus amos que não se amofinem, porque se eu, por qualquer motivo, não tiver tempo de terminar o conserto, dispensar-lhe-ei os meus chanatos, para que o menino Carlinhos não fique sem as prendas do Pai Natal». — O menino Carlinhos!... Qual menino, qual carapuça! Um matulão quase da sua altura...

E, ao dizer isto, o sapateiro escancarou um riso trocista, ao mesmo tempo

que os braços se lhe abriam, puxando a linha encerada, num gesto ritual tão amplo, que mal cabia na exiguidade do tugúrio.

Essa é boa! O amigo não perdeu ainda o seu ar chalaceiro...

E recordou antecedentes do interlocutor. Nascera numa aldeia nordestina, vizinha da sua. Conhecera-o na vila, quando estudante, onde, na altura, Anastácio tinha o ofício de engraxador. Devido à deformação da coluna que, em ganapo, o vergara como um arrocho, ganhou a alcunha de *Marranica*, não sendo, pois, difícil, à imaginação popular engendrar-lhe o crisma, certo e identificativo, que haveria de acompanhá-lo até à cova. Pobre diabo que mal ganhava para a côdea, mas que, nem por isso, lhe minguava o bom humor, traduzindo-se na destreza com que disparava um chiste no momento azado.

E, finalmente, desatando a curiosidade que vinha retendo, a custo, o velho inquiriu:

– Mas a que devo a honra da sua visita?

– A nada de especial! Passei por aqui e quis vir cumprimentá-lo.

– E fez muito bem, porque há já um ror de tempo que não nos víamos.

– É verdade. Não quer isto dizer que vivamos grandemente afastados um do outro, ou que haja esmorecido a nossa amizade. Mas tem de se andar sempre numa roda-viva e não chega o tempo para nada...

– Ora, ora! Desculpas de mau pagador. Isso é bom para mim que, com sua licença, não posso descolar o rabiosque da tripeça, se quero comer. Quanto ao senhor Esteves, o caso é outro. Basta pisar o pedal do automóvel, e vai disto!...

– Mas alterando logo o fio do discurso, como se houvesse proferido alguma inconveniência que urgisse remediar: – Eu compreendo. O senhor tem os seus afazeres, e as atracções para estes sítios também são pouco convidativas. Não há um bar ou coisa que o valha, onde possa divertir-se com umas garotas, como está acostumado.

– Apenas a escassez de umas horas livres tem originado estas pausas da minha parte, como já asseverei – reforçou Luís Esteves, enquanto passava um relance de olhos, mais demorado, pelo recheio parco da improvisada oficina, semi-iluminada pela chama de um candeeiro de petróleo, suspenso do tecto.

– Mas, conversa atrás de conversa, e eu sem lhe haver perguntado ainda pela família. Diga-me, como vai ela?

– A patroa, coitada, tem-se arrastado com dificuldade. Os anos não perdoam. São quase setenta no rol. E vividos sabe Deus de que jeito... As cachopas, lembra-se delas? Uma já casou e tem um catraio, esperto como uma doninha. A outra, a mais nova, está a servir em casa de uns senhores que

moram aqui próximo, por sinal umas jóias de pessoas, não desfazendo... Lá os tenho hoje em casa para a consoada. Que, neste dia, como diz o outro, só não convivem com a família os malteses que a não possuem.

Inadvertidamente, Anastácio cravara uma farpa no íntimo mais dorido do visitante. E prosseguiu, sem dar conta da agressão:

– ...É bom relembrar também o Natal do nosso tempo de garotos. Embora esse fosse bem diferente...

– Se era! – concordou Esteves, absorto em pensamentos longínquos.

Suspendeu o trabalho o saudoso artífice. E, empolgado pela recordação de uma abastança que o sonho apenas corporizara, que não a realidade:

– A gente reunida ao borralho da lareira... os fritos de polvo... o bacalhau cozido... a pichorra do vinho tal como ele sai da uva...

Luís Esteves mal notara o fulgor que se acendeu, por segundos, nos olhos encovados do velho. Sentia-se agora, mais do que nunca, isolado na sua ilha de solidão. Era inútil forjar argumentos para o ignorar. Com o seu dinheiro e influência comprara tudo quanto desejara: prazeres, autoridade e honrarias. Transcorrida a idade febril das paixões, apetecia-lhe, mais do que tudo, nesse momento, o afago de um abraço amigo que lhe extinguisse o fel da angústia, só agora claramente denunciado, embora já antes pressentido.

– Tenho de ir andando, que são horas... – recompôs-se Esteves na aparência.

– Deixe-se estar mais um pouco, senhor Luís...

E o diálogo prolongou-se, fraternal e aberto, até que, à despedida, Anastácio formulou um convite débil, mas sincero:

– Nós cá somos pobres, como bem sabe... Mas, se quiser consoar connosco, dar-nos-á muito prazer...

O sapateiro só não se revelou mais porfioso, por timidez. E foi pena que assim tivesse procedido, porque Luís Esteves, carente, como estava, do ponto de vista afectivo, anuiria a essa confraternização amistosa sem a menor relutância. Limitou-se, pois, a agradecer o gesto amável:

– Obrigado. Estão também à minha espera – disfarçou. – E não leve a mal, meu caro, por lhe deixar esta insignificância para comprar um brinquedo para o seu netinho.

Anastácio ficou comovido ao desdobrar a nota de mil que o amigo, à viva força, lhe meteu no bolso. E, enquanto aquele se perdia na noite brumosa, dizia de si para consigo, com uma lágrima insubmissa a esmaltar-lhe as pupilas:

– Boa criatura! Passou por aqui, de propósito, para isto...  
... Mal ele supunha o que ali trouxera Luís Esteves: buscar um migalho de calor humano que degelasse a sua noite solitária.

Nuno Nozelos, *Ecos do Nordeste*. Lisboa, 1999

## Cena de Natal

*Cenário – Uma gruta pouco iluminada, adaptada a estábulo. Da manjedoura irradia luminosidade.*

*Personagens – José, carpinteiro; Maria, sua esposa; Recém-nascido; Pastor.*

*Vaca, burro, uma ovelha trazida pelo Pastor. Este também traz, pendurada no braço, uma cesta com queijos.*

*Pastor – Vossemecês não-de-me desculpar por entrar assim por aqui pra dentro, mas... eu ainda estou arrelampado!*

Não vai há meia hora, estávamos aqui a uma légua uns quantos pastores, à volta de uma fogueira, que o Dezembro vai-te muito frio e cai um nevão desgraçado, e de repente.... zás! Aparece-nos um fulano todo brilhante, a gente mal podia olhar pra ele, tanta era a luz que ele deitava! E depois com uma vestimenta toda esquisita, passava-lhe dos calcanhares, parecia que ondeava com o vento que lhe dava!... E nas costas, a gente não viu bem, que a luz era tanta... parecia que todas as estrelas do céu lhe estavam pregadas na vestimenta e lhe brilhavam nos olhos, nos cabelos, na cara...

*Maria – Nas costas parecia que tinha umas asas, não era?...*

*Pastor – Isso mesmo! Parecia que tinha umas asas! Mas, deixa cá ver! Vossemecê não podia tê-lo visto... como é que sabe que ele tinha...*

*José – Deixa, amigo, deixa lá! E esse ser estranho falou-vos, disse-vos alguma coisa?*

*Pastor – Se disse! Nós, mal o vimos assim, que parecia que estava a faiscar, ficámos cheinhos de tefe-tefe, pudera não, que era de escalafriar! Mas ele disse-nos que não tivéssemos medo, porque ele estava ali era para nos dar uma rica notícia.*

*E nós de orelhas espeterradas, que de boas novas é que a gente anda precisada, de más já cá temos a nossa conta...*

E vai ele disse-nos que aqui em Belém nascera o Salvador, tinha nascido aquele que Deus destinara para nos libertar.

E disse mais: Que havíamos de o reconhecer por ser um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura.

E a gente, toda contente com tal notícia, ora, pois não, pôs-se a caminho, a ver qual de nós era o primeiro a descobrir o tal menino.

É que a modos que ele não vem pra nos libertar só dos Romanos! Eu não sei dizer bem, não é que seja peço a falar, mas há coisas que, não sei, sinto-as cá dentro de mim e pràs dizer aos outros é um martírio... Mas eu cá palpita-me que é assim a modos de uma libertação que tem de começar por dentro de nós... Não sei... Eu até estou a estranhar ouvir-me falar assim, não é cá o meu modo, mas há-de ser desta noite que é especial.

Bom, eu como não tenho perna manca e conheço uns atalhos de que os outros não sabem, cá cheguei à frente deles todos e... bem vejo, não me engano não: este é que é o menino anunciado, envolto em trapinhos está ele, na manjedoura o deitaram. Pobreza maior!

*José (Dirigindo-se também a Maria.)* – Grande, grande é a pobreza, tens razão, Amigo... Não te parece que possa ser um sinal?...

*Pastor* – Será, será... Isto alguma coisa há-de querer dizer, realmente... Vem um menino para salvar o Mundo e, se havia de ter um berço de oiro, é numas tristes palhas que o deitam...

Vossemecês não tinham melhor sítio para nascerem o crianço?! Olha aqui, numa manjedoura!...

*José* – Sabes, Amigo, que as estalagens estão todas cheias, por causa do recenseamento que Roma mandou fazer. Como não achámos lugar em nenhuma delas, que remédio senão virmos até aqui...

*Pastor* – Realmente, pobreza assim... E é lindo o cachopo... E ou ainda estou alumbrado de ter visto o outro das asas, ou parece-me que este menininho também deita uma luz qualquer!... Mas também, olhem que, se não fossem a vaca e o jericó a botarem-lhe o bafó, havia o miudinho de estar roxinho de todo. Assim, ao menos, está aqui rosadinho que parece uma flor...

Olhem, Amigos, já que o outro, o das asas, o que nos apareceu e que (*dirige-se a Maria*) Vossemecê pelos modos já viu um parecido, disse que este crianço vai ser o Salvador da gente e como a gente bem precisadinha está de que nos salvem, quer dos outros quer de nós próprios, que a vida raro nos é fácil e às vezes, quantas vezes, a culpa é bem nossa, que não temos tento em nós nem damos tento do que se passa com quem nos rodeia... olhem... sempre quero ser eu o primeiro a dar-lhe uma prenda! É prenda de pobre, que pobre

sou e de pobre nunca passarei, mas salve-se a boa-vontade, não é?! Fiquem com esta ovelhinha!... Chama-se Marela... Basta chamarem-na assim, que ela acode logo-loguinho!... Sempre ajuda ao calorzinho e pra Vossemecês, que tão cedo não saem daqui, sempre ajuda com o leitinho... E mais... já agora, pra aproveitar a maré, sempre lhes deixo ficar estes queijos... São dos meus, é coisa fina, não o digo pra me gabar, que isto é obra da minha Sara, que lá jeito não lhe falta!

E pronto! Que tudo lhes corra bem, e prò menino... ele como é que se vai chamar, o cachopinho?

*Maria* – Jesus... Jesus Emanuel...

*Pastor* – É um nome bonito! Soa bem! E bem preciso é que venha alguém que nos salve dos pecados que cometemos, não são eles assim tão poucos... E bom é que Deus esteja connosco, que melhor companhia não podemos ter, assim a gente se saiba livrar das más!

E, deixem-me que lhes diga... o menino é mesmo um encanto... Até parece que reluz! Pois olhem! Sejam felizes! Vossemecês e o Jesus também!... (*Sai.*)

*Maria* (*Levanta os olhos, enevoados de lágrimas.*) – Feliz?! Feliz o meu Jesus! Ai de mim!!!

*José* – Então, Maria?! Então?! Ainda o menino tem horas e já tu estás a empreender?!... Pois não sabes que não te deves inquietar pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo? Vá! Não penses no que...

*Maria* – Ai, José! Como posso eu não pensar, como posso eu fingir que não sei...

*José* – Como? Tu já sabes?!... Aquele mensageiro de que me falaste... contou-te? Disse-te?...

*Maria* – Eu sei, José, eu sei... Este menino será o Salvador de todos, mas eu... eu, que sou a mãe dele... eu sei... Não era preciso o mensageiro dizer-me... Eu trouxe-o nove luas comigo... e eu sei, José, eu sei...

*José* – Ouve, Maria, se sabes... como sabes, é claro!... Olha que não és só a mãe deste menino... és mãe de todos os meninos que vão nascer ou já nasceram... Vamos lá a secar essas lágrimas...

*Maria* – E achas que há em mim lágrimas que cheguem para chorar por todas essas crianças?... Parece-te que tenho na minha frente vida que chegue para chorar por tanto e tanto menino? Por este menino, que eu trouxe nove luas dentro de mim?... Por todos os outros que hei-de trazer à luz?...

*José* – Maria, Maria!... Ainda faltam muitos anos... Hoje é dia de festa, nasceu-nos um menino, para todos nós nasceu um menino, a Esperança nasceu hoje...

*Maria* – É verdade, José, é verdade! Mas para mim também nascem hoje

todas as dores do Mundo! Eu sei! Ai! Pudesse eu não saber! É que agora, em Dezembro, já sinto o cheiro das violetas da Páscoa...

*José (Acarinha-lhe de leve os ombros.)* – Maria, cada dia tem a sua dor... Mas hoje é dia de festa! Nasceu-nos um menino!

*Maria (Tenta enxugar as lágrimas, tenta sorrir.)* – Tens razão, José, como sempre, tens razão!... Nasceu-nos um menino! Hoje é dia de festa!...

Joaquim José Magalhães dos Santos, *Cena de Natal*. Vila Real: Serviços Municipais de Cultura, 2002



## Natal antigo

Apesar de ser uma época especial que se estava a aproximar, nem animação, beleza ou qualquer outro aspecto o fazia pressupor. O silêncio e o escuro alongavam-se pela rua principal fora e só uma janela iluminada dava sinal de vida.

Um carro alterava aquilo de vez em quando, ao passar na estrada do vale; as casas, as ruas, a própria taberna onde fica o posto público, pareciam enroladas num grosso manto de sono.

Estava a aldeia parada; na cozinha dos rendeiros de casa grande, a morte de Mário ainda provocava um estar para ali sentados no escano, e de vez em quando um soluço vincava o seu desaparecimento na guerra colonial; morrerá cedo e não fora de morte natural, coisa vulgar agora.

Perto da casa de mestre Alberto, uma fiada de lâmpadas de várias cores acendia e apagava, único indício da fase do ano; iluminava as máquinas de costura e os electrodomésticos variados, postos ali à cobiça dos dinheiros trazidos de França. Em casa do mestre, apenas uma luz no quarto ia dando o lento aparecer da morte no rosto branco de Iria.

Chegara uns dias antes a casa do cunhado, para passar a quadra do Natal; nem falara muito dos filhos, do Álvaro, do João, do António, há que anos em Angola, uns idos depois da tropa, outro nela, e lá ficados, a entretecer uma vida nunca mais vista. A viver em Vale Frechoso apenas com a sobrinha, desde a morte do homem, aguardava todos os dias o correio, à espera de cartas tarjadas de verde e vermelho. Fora assistente de partidas primeiro grandes, de ausência para sempre, das largadas para o Brasil, e para África também, como colonos; as famílias vendiam tudo e partiam, rodeadas da tristeza e do isolamento de quem ficava, cada vez com menos ligações na terra, privado de paragens em casa certas, dos amigos de domingos e dias de semana à noite, cheios de conversas. Tracejava-se, entre a gente do trabalho, um mal-estar impróprio de quem transforma, semi angústia levando-a a aceitar as ausências e a pensar na partida.

Já pouco se trabalhava. As terras iam ficando com os últimos restolhos, até que estes se desfaziam; as ruas, nos dias de descanso, estavam vazias. Iria aguardava as cartas onde os filhos lhe prometiam visitas nunca mais cumpridas; entretanto, de França e Alemanha Federal, chegavam um e outro emigrantes, e o pouco dinheiro trazido era um maná em comparação com o avanço económico dos filhos; reforçava-se a ideia, na mente de quem se propunha largar para fora, de que a Europa superara África e outros continentes para onde até aí se emigrara.

Vivia de um tanto dinheiro que eles mandavam. Recebido no Banco, em Mirandela, cada vez mais atrasado, minguava paralelamente à demora, numa aflição para ela, devido às coisas subirem de preço; era um viver vinculado a cada ida, de tempos a tempos, a casa da irmã, em Santa Comba, onde esta, mestre Alberto e mais um filho e duas filhas, a que estava ela e a outra a trabalhar lá em casa, perfaziam uma família das mais completas numa terra desbastada pelas idas para França e Alemanha. O mestre e o filho entretinham-se na oficina, com o pouco que havia para fazer, ou iam até aos prédios, e elas ajudavam, por vezes criando um ambiente que fazia lembrar um mundo já destruído, de muitos filhos, de amigos, um viver de casa para o trabalho e para a taberna, e à volta, no lago, durante as tardes de domingo.

Mas logo uma frieza de ausência se insinuava, quando Iria abalava mais a sobrinha para Vale Frechoso. Ali, a escada de pedra, recanto silencioso agora, a árvore de sombra prolongada, a entrada coberta, tudo parecia húmido e baço, num isolamento de que não havia lembrança; a casa não se abria mesmo que lhe percorresse os quartos e ficasse sentada em cada cama, olhando os quadros, as fotografias, um ramo de flores esquecido ao canto da sala. Lentamente, ia até à varanda e as mãos agarravam-se ao corrimão de madeira corroída, numa vertigem que lhe sabia bem, até que a camioneta vinda do Cachão largava meia dúzia de trabalhadores no largo da igreja, e um a um, depois das frases de despedida e de brincadeira com os que seguiam para as outras aldeias, passavam-lhe à porta, saudavam-na ou ficavam à conversa com ela, homens tão da mesma idade, gastos no arrancar coisas à terra, no partir a pedra nas pedreiras, em mil e um trabalhos em que o assalariado se torna mestre sem nunca ficar agarrado a qualquer; trocavam palavras onde um humor já suave dava força para vê-los seguir até ao fundo da rua, sabendo que só lhe restava olhar o resto do dia, ir para dentro, preparar alguma coisa para comer e depois deixar ir a sobrinha a casa das amigas e ficar na sala, entretida num trabalho de lã que seguia, depois de pronto, para casa da irmã ou ficava no corpo de qualquer reparação da aldeia.

Assim se aproximara aquele Verão em que chegara aos sessenta anos; até ao meio-dia, frente ao sol que atingia fortemente a varanda, aliviava-se do trabalho e ficava na sombra, entorpecida. A chegada da rapariga, que vinha da jeira, punha a casa em movimento; uma vez por outra trazia carta, e logo sabia como continuava a sobreviver cada filho; a trabalharem próximo uns dos outros, que ao longo dos anos isso tinham conseguido, juntavam-se quando podiam para aligeirar a carga criada pela inadaptação e pela distância, o dobrar dos trinta acontecido em dois, apenas o mais novo ainda atento a ilusões de conquista.

Era o único que falava da vida da cidade, de garantias dadas pelos cargos, numa luta para ele crescendo de importância. Álvaro e João trabalhavam em fazendas e conheciam a evolução da guerra colonial desde o tempo em que apenas indícios sobressaíam no decorrer longo dos dias. João viajava muito e, quando passava na cidade onde o irmão mais novo vivia, ficava atento na sua frente, tentando ligá-lo ao presente daquela rua desviada do centro, onde aparecia ora um homem e a sua bicicleta, ora a motorizada dum jovem; ficavam no quarto alugado dele, liam as cartas recebidas da mãe e sentiam o afastamento daquele reposteiro na janela, as flores estranhas, um tabique, a mesa desligada do resto, a dona da casa que lá fora berrava a alguém que lavava roupa; as árvores, um pouco o ar de bairro anónimo, punham uma leve ternura no modo como depois abalavam os dois para o centro.

Despediam-se ao fundo da avenida que atravessa a cidade e continua planície dentro, até se transformar numa fita de estrada monótona; ficavam na cabine do camião sem nada dizer, e uma certa angústia, companheira nocturna, fazia-os aplanar as dificuldades de uma longa viagem a um passado cujas bases sabiam estar abaladas; dir-se-ia o chegar a uma situação difícil em vários lados, que se tornava cinzenta e estreitava a sobrevivência, num impasse a que só grandes transformações dariam saída.

Em casa, Iria viu passar o Verão. A longa teia de calma apenas foi interrompida pela chegada de emigrantes que retomavam o trabalho nas pequenas terras, nas casas grandes de lavoura alguns, à jeira, e outros metiam-se a refazer a velha casa; esta vivacidade durou um mês e foi bem aproveitada ali à porta, em conversas que adiantavam um pouco do que ia lá por fora, com respeito aos ganhos, ao avanço e a conquistas diferentes; as greves acontecidas de tempos a tempos, que vincavam as distâncias entre trabalhadores e patrões, afirmavam a evolução acontecida com os primeiros, atentos e a ficarem mais unidos de ano para ano.

Logo após meados de Dezembro, fechara a casa e fora, mais a sobrinha, para Santa Comba da Vilariça, passar o Natal; fizera tudo com a mesma segurança e

até dera mais atenção ao que ficava. O frio reforçava o aspecto árido das terras, enquanto o céu desaparecia numa massa de nuvens pesadas e quietas; a serra de Bornes estava oculta entre elas, ali feitas nevoeiro, brancas. Desde o dia em que chegara, punha uma atenção redobrada nas coisas, nos emigrantes de novo a visitar a família, e a todos tentava arrancar algo que melhor conseguia quando falava com o sobrinho.

Este, prestes a atingir os vinte anos, quase ocupava já o lugar do pai na oficina, pouco atrapalhada de serviço, e no trabalhar os dois terrenos que tinham, enquanto o pai se ficava pela casa do rendeiro maior da aldeia, à conversa; no largo, nas ruas, os vultos das mulheres, sobretudo idosas, dos velhos e dos miúdos ainda se sobrepunham à presença dos emigrantes e dos carros a cada passo seguindo até Bragança ou à vila, num percorrer a região que os excitava.

Iria conversava com o sobrinho o tempo que podia, numa afeição antiga que tomava agora aspectos diferentes; os planos dele, as conversas e os silêncios, eram momentos que pareciam agradar-lhe por igual, embora uma ruga se lhe cravasse mais fundo quando ele falava duma partida certa para a tropa e para a guerra, que o aguardava. Então, parecia que os olhos se lhe cerravam; logo a seguir, sobressaltada, ia até à janela da cozinha, donde olhava a parede da casa defronte, para lá da rua estreita.

Uma manhã prestes do Natal ficou na cama; reaparecera-lhe um cansaço que era velho e uma dor no corpo, prolongada para depois a deixar exausta; isto durou dias em que ficava olhando a irmã, as sobrinhas ou uma vizinha amiga que vinha ver se era preciso fazer alguma coisa. Lentamente, a notícia da sua doença correu pela terra e avolumou-se nas conversas, após o agravamento; começava a ser difícil segurá-la quando das convulsões, mais violentas; o rosto deixava de estar calmo para se transformar em dor e numa quantidade de interrogações, e o desespero agitava-a, ficando a seguir extenuada.

Tentaram mandar telegramas aos filhos, para Angola, exactamente no dia em que a estação dos CTT na vila já estava fechada. Era dia de consoada. Foi uma morte que teve depois a presença de muita gente da terra. Antes, os da casa ficaram ali até de madrugada, quando ela já mal falava; os olhos percorriam, cada vez mais suaves, os rostos das duas raparigas, o da irmã, e ficavam-se até os fechar ora ao fundo da cama, vazios, ora no rosto do sobrinho, preocupado com as distâncias e a ausência.

## O mistério do velho moinho

Em tempos que já lá vão, numa noite fria de inverno, andava um homem, com ar pobre e cansado, a bater a todas as portas de uma aldeia serrana, pedindo algumas brasas para acender uma fogueira num velho moinho, onde uma mulher se havia recolhido para dar à luz.

Porém, por mais que batesse e por mais que pedisse, de nada lhe valia. Ninguém estava disposto a abrir-lhe a porta. Os habitantes, que àquela hora estavam já deitados, nem sequer permitiam que o pobre homem se servisse de algumas das brasas que ainda luzidiam no borralho.

– Por favor, são só algumas brasas para fazer uma fogueira além, no moinho, onde uma criança está para nascer! É preciso que nem ela nem a mãe passem frio nesta noite! – insistia o forasteiro.

– Vai bater a outro lado! Isto já não são horas de vires incomodar-nos! – iam-lhe respondendo vozes indiferentes do interior das casas onde batia.

De repente, o homem descobriu um clarão ao longe, nas fraldas da serra. Alguém conservava ali uma fogueira acesa. Era preciso ir lá. Talvez conseguisse as brasas que procurava. Um pouco mais animado, seguiu nessa direcção, e, mal se aproximou da fogueira, uma voz rude e austera rasgou o silêncio da noite:

– Quem é que vem aí?

– Sou eu! E venho em paz!

– E que me queres tu a estas horas da noite?

– Apenas quero pedir-te algumas brasas para acender uma fogueira num moinho, além, ao pé do rio, onde uma criança está para nascer!

O dono da fogueira era um pastor que pernoitava junto ao seu rebanho. Habitado à solidão e ao desconforto das noites frias, tornara-se impiedoso para com os estranhos, receando sempre estar na presença de algum ladrão.

– Se as queres, vem cá buscá-las! – exprimiu o pastor em tom severo.

E para certificar-se de que o forasteiro era inofensivo, ergueu o cajado e simulou dar-lhe uma vergastada, ficando a observar-lhe a reacção. Mas... qual não foi o seu espanto! O homem não só não reagiu – foi como se nem sequer

tivesse visto o movimento do cajado...! –, como ainda passou pelas ovelhas e pelo cão de guarda sem que estes manifestassem a mínima inquietação, ou apenas se mexessem. E mais: ao chegar junto da fogueira debruçou-se sobre ela, apanhou as brasas que quis com as mãos, e levou-as.

– Obrigado! E que Deus te pague a tua generosidade! – agradeceu o homem estranho antes de se afastar, deixando o pastor boquiaberto.

– Mas...! Olha lá...! Espera aí! Quero saber o que vem a ser isto! – titubeou o pastor.

Porém, o desconhecido, que já o não ouvia, seguiu o seu caminho. E dali a nada já só podia ver-se ao longe, em movimento lento, o clarão das brasas que levava, ficando o pastor a questionava-se se tudo aquilo não seria um sonho, ao mesmo tempo que pensava:

“– Mas que homem será este, a quem o cajado não assustou, que passou pelo cão e pelas ovelhas sem que se espantassem... e que levou as brasas nas mãos sem se queimar...?!”.

Passados os primeiros momentos de surpresa, o pastor resolveu segui-lo. Bastou-lhe encaminhar os seus passos na direcção do pequeno clarão desenhado pelas brasas que o homem levava nas mãos. E, de olhos sempre fixados naquela luzinha, foi andando, andando, andando..., até que deu de frente com o velho moinho.

Ali chegado, empurrou a porta lentamente, e, para maior espanto seu, não encontrou lá dentro o homem misterioso que havia seguido, o homem das brasas. Na sua frente, quem estava era sim uma mulher, de aspecto humilde e débil, que tentava acalantar, com o seu corpo franzino e as escassas vestes que envergava, o filho recém-nascido.

– Onde está o homem? O homem que aqui entrou? – perguntou, sobressaltado, o pastor.

– Que homem é que o senhor procura? Aqui só estou eu e o meu filho que acabou de nascer...! – respondeu, trémula de frio, a pobre mulher.

– Mas... e o homem?! Aquele que trazia brasas para acender aqui uma fogueira...?! – insistiu o pastor.

– Não sei do que fala, senhor! – justificou-se ela, com toda a humildade.

O pastor, rude e austero, rendeu-se, por fim, à evidência do mistério. Nada mais havia a perguntar. Tirou a manta que trazia aos ombros, cortou-a em duas partes, e cobriu com uma o menino e com a outra a sua mãe. Depois, acendeu uma fogueira, que encheu de calor e de luz o velho moinho. E, no fim, sentiu que a sua alma se iluminou também.

Alexandre Parafita, *Chovia ouro no Bosque*. Porto: Porto Editora, 1996

# Índice

[Nota]	5
Natal, infância, tradições	
[Os Reis], <i>Dr. Ferreira Deusdado</i>	7
Auto do Natal, <i>Sousa Costa</i>	10
[A Ceia da Consoada], <i>João da Ribeira</i>	16
O Pai Natal, <i>Pina de Moraes</i>	18
[Dia de Natal], <i>José Maria Saraiva Aguilár</i>	21
[Lembranças de Natal], <i>Bento da Cruz</i>	23
[O Ramo], <i>António Cabral</i>	26
O Natal da minha infância, <i>João de Deus Rodrigues</i>	29
Natais distantes, <i>A. M. Pires Cabral</i>	31
[A fogueira de Natal], <i>Jorge Laiginhas</i>	33
Natal, votos, expectativas	
Natal, <i>Guerra Junqueiro</i>	35
Natal, <i>Fausto José</i>	36
Natal, <i>Alberto Miranda</i>	37
O Natal de Adelaide, <i>Joaquim de Barros Ferreira</i>	38
Natal, <i>José Eduardo Rodrigues</i>	40
Quando o Natal chegar, <i>Pedro Castelhana</i>	41
Natal, <i>Joaquim Ribeiro Aires</i>	44
Natal, <i>Ernesto Rodrigues</i>	46
Natal, <i>Fernando de Castro Branco</i>	47
Let there be light, <i>Vítor Nogueira</i>	48
Histórias de Natal	
Conto de Natal, <i>João de Araújo Correia</i>	49
O Menino Jesus que eu conheci..., <i>Domingos Monteiro</i>	53

A Missa do Cão, <i>Camilo de Araújo Correia</i>	55
[Uma Missa do Galo], <i>Luísa Dacosta</i>	58
Angústia em noite de Natal, <i>João de Sá</i>	61
Noite solitária, <i>Nuno Nozelos</i>	64
Cena de Natal, <i>Joaquim José Magalhães dos Santos</i>	69
Natal antigo, <i>Modesto Navarro</i>	73
O mistério do velho moinho, <i>Alexandre Parafita</i>	77